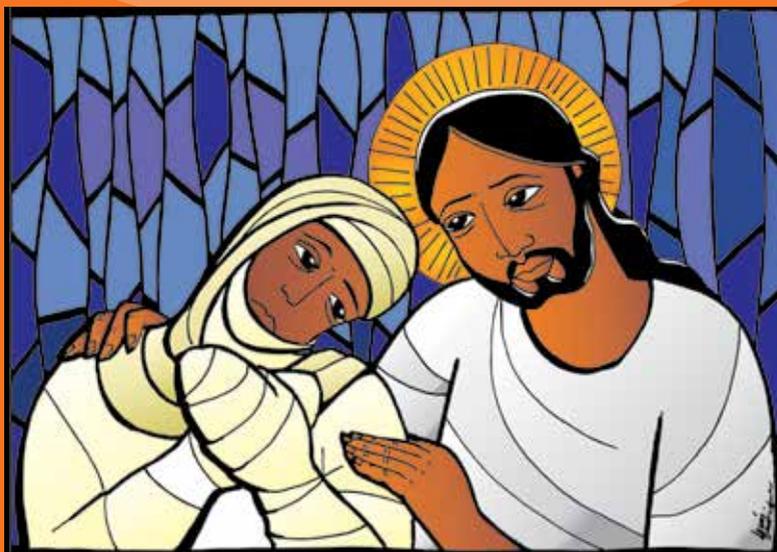


Saúde integral para todos



03 O papel da Pastoral da Saúde na Igreja
Pe. Christian de Barchifontaine

21 O sentido da psicologia para a vida consagrada: considerações
Ênio Brito Pinto

11 A espiritualidade como um dos referenciais da bioética?
Leo Pessini
William Saad Hossne

29 Resiliência e espiritualidade: padre Tiago Alberione, um profeta resiliente
Francisco Galvão

37 Roteiros homiléticos
Pe. Johan Konings

Paulo Apóstolo

Jesus Mestre

Rainha dos Apóstolos

Jovem,

venha ser **Padre ou Irmão Paulino**

e anuncie o Evangelho na cultura da comunicação.



Padres e Irmãos Paulinos

Caixa Postal 3812 CEP: 13070-973 / Campinas-SP

Tel.: (19) 3325-4154

centrovocacional@paulinos.org.br

paulinos.org.br

 **PADRES E IRMÃOS
PAULINOS**

Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

Ouve-se com frequência que vivemos em um mundo doente. De vez em quando, uma epidemia fatal assola e assombra a humanidade. Encontram-se curas para algumas doenças. Aprende-se a conviver com outras. Não obstante todas as pretensas propostas salvadoras da tecnologia, o ser humano e a criação toda, por vezes, ainda parecem não encontrar sossego. Para a comunidade cristã, porém, o sentimento não deve ser nunca de desespero. Nossa marca maior é a esperança. Nada nem ninguém podem abalar esta esperança. Nem as doenças graves.

Desde o dia em que nos banhamos nas águas batismais, nosso corpo foi imerso em Cristo. Tornamo-nos novas criaturas. Daquele dia em diante, somos membros dele e formamos com ele um único corpo. Este é um mistério maravilhoso que nos envolve e nos enche de alegria. Mas é também comprometedor: no corpo do cristão manifesta-se a realidade do corpo de Cristo. Daí vem uma espécie de alerta: nos pensamentos, nas palavras, nas atitudes do cristão precisa brilhar o testemunho da vida em Cristo.

No batismo, recebemos o Espírito de Deus. É o Espírito que nos conduz pelos caminhos da vida. O apóstolo Paulo nos lembra que somos o Templo do Espírito: “Vocês não sabem que são templos de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vocês?” (1Cor 3,16). O templo é o lugar onde Deus mora. Portanto, o divino mora em nós, habita nosso corpo. De modo que o corpo é sagrado e, como tal, deve ser cuidado, respeitado, honrado.

O corpo – este nosso corpo, na sua condição humana, com dores, necessidades, desejos – é o lugar em que se manifes-

ta, na existência cotidiana, a realidade da vida nova em Jesus Cristo. Isso para dizer que nosso corpo tem dignidade. Não é algo desprezível, como muitas vezes na história se pretendeu incutir nas mentalidades. O corpo é digno. Nele se manifesta a realidade da vida de Deus.

A perspectiva cristã sobre a dignidade do corpo desafia o mundo. Se a beleza-padrão imposta pelo mercado expõe e ostenta corpos selecionados e até os explora, na visão cristã tudo o que é expressão de egoísmo, de procura desenfreada dos próprios interesses, precisa ser evitado. Se no mundo há corpos feridos pela dor, humilhados pela fome, pela miséria, se há corpos marcados pela violência..., a comunidade cristã é chamada a testemunhar o amor incondicional. Aquele mesmo amor vivido por Jesus até a cruz. Na dor do corpo jogado na rua ou na cadeia, está a mesma dor do corpo de Cristo e, portanto, do corpo do cristão.

Glorificar a Deus no nosso corpo e com nosso corpo é deixar ressoar em nós o que ensinou Santo Irineu já no século II: “A glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus”. Nisso consiste a forma pela qual somos chamados a lidar com o sagrado no outro. Nisso consiste o compromisso cristão de testemunhar a bondade, a solidariedade, o respeito, a paz. Glorificar a Deus passa pelo compromisso de preservar a dignidade do nosso corpo e do corpo dos outros.

Que este número de *Vida Pastoral* nos ajude a olhar o mundo com esperança, a integrar esforços, fazendo valer o sonho de Jesus de vida em abundância (Jo 10,10). Saúde para todos.

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
MTB 11096/MG
Conselho editorial Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos,
Pe. Darci Marin e Pe. Paulo Bazaglia
Ilustrações internas Luís Henrique Alves Pinto
Editores Fernando Tangi

Revisão Caio Pereira/Alexandre Santana e Tarsila Doná
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:
E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:
Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7
Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Rua Direita da Piedade, 20/22
Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



O papel da Pastoral da Saúde na Igreja

Pe. Christian de Barchifontaine*

“Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância.” (Jo 10,10)

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida.” (Jo 14,6)

A Pastoral da Saúde é a ação evangelizadora de todo o povo de Deus, comprometido em promover, preservar, defender, cuidar e celebrar a vida, tornando presente no mundo de hoje a ação libertadora de Cristo na área da saúde. Tem como objetivo evangelizar com renovado ardor missionário o mundo da saúde, à luz da opção preferencial pelos pobres e enfermos, participando da construção de uma sociedade justa e solidária a serviço da vida. É importante a integração da Igreja e da sociedade para que o povo tenha mais saúde por meio do exercício da cidadania, e nessa tarefa o agente de Pastoral da Saúde tem um papel importante.

*Religioso camiliano, enfermeiro, mestre em Administração Hospitalar e da Saúde, doutor em Enfermagem pela Universidade Católica Portuguesa (UCP). Docente no mestrado e doutorado em Bioética do Centro Universitário São Camilo. Pesquisador do Núcleo de Bioética do Centro Universitário São Camilo. Autor e coautor de vários livros e artigos na área de bioética, cidadania e saúde. Foi coordenador nacional da Pastoral da Saúde de 1991 a 1994. Presidente da Sociedade de Bioética de São Paulo. Atualmente, assessor internacional dos Camilianos na área da saúde e relações públicas das organizações camilianas. E-mail: cpb@saocamilo-sp.br

I. Saúde – saúde pública?

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), “a saúde é o completo bem-estar físico, psíquico, social e espiritual, e não somente a ausência de doenças ou enfermidades”.

Na realidade brasileira, bem como na América Latina, essa definição é muito vaga e fora da nossa realidade. Assim, por ocasião da VIII Conferência Nacional de Saúde, em



1986, a saúde foi definida como “a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde”.

Segundo a OMS, “a saúde pública é a ciência e a arte de prevenir as enfermidades, melhorar a qualidade, a esperança de vida, e contribuir para o bem-estar físico, mental, social e ecológico da sociedade. Isso se alcança mediante o esforço concentrado da comunidade que permita o saneamento e a preservação do meio ambiente, assim como o controle das enfermidades.

“Quando se fala de qualidade de vida, o primeiro requisito enunciado é a proteção do meio ambiente.”

II. Nossa realidade: Por que o povo não tem saúde?

Numa sociedade que tem como valores a produção, o lucro, a concorrência desleal, a concentração e a dependência, não há lugar para uma prática social fraterna e solidária; só existe a exploração como forma de acumulação. Todo esse contexto favorece uma injustiça social alarmante, tendo como consequência a deterioração da saúde, principalmente entre os pobres, que são duas vezes desgraçados: além de morrer das doenças dos pobres (fome, desnutrição, verminose, diarreia...), morrem das doenças dos ricos (cardiovasculares, estresse, câncer...). Para entender melhor, podemos reunir em quatro grupos as causas que fazem com que o povo brasileiro esteja sem saúde (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2014, p. 72):

1. Causas ligadas às condições naturais de vida e suas variações, como o clima, a água, a qualidade da terra. Quando se fala de qualidade de vida, o primeiro requisito enunciado é a proteção do meio ambiente. Como uma das características da ideologia vigente é a propriedade privada, assistimos à apropria-

ção dos bens públicos (onda de privatizações), entre os quais os ambientais.

2. Causas ligadas aos determinantes estruturais (sociopolíticos e econômicos) da produção de bens materiais (a comida, a mercadoria, o dinheiro). A selvageria do sistema reside no grau da exploração da força do trabalho. Os baixíssimos salários pagos aos trabalhadores exigem, para garantia de sobrevivência, o prolongamento da jornada de trabalho e a aceitação de condições laborais perigosas e insalubres, bem como a entrada precoce das crianças em atividades produtivas.

3. Causas ligadas às condições sociais de vida (moradia, higiene, vestuário e, principalmente, alimentação).

4. Causas ligadas a outras condições de vida diretamente associadas aos recursos e serviços de cura (atendimento médico e acesso a medicamentos). A medicalização da vida efetiva-se cada vez mais no hospital, do parto aos últimos instantes na UTI, sem que haja reflexão suficiente sobre as causas e implicações desse fenômeno que desestruturou o relacionamento tradicional do doente no seu meio familiar. A organização do sistema de saúde em nosso país não revela preocupação em ajudar o povo, mas sim aqueles que vivem às custas do sistema: indústrias de equipamento, hospitais particulares, empresas farmacêuticas e de seguro médico, empresários médicos... A preocupação é o lucro.

Perante essa realidade, é de suma importância a presença da Pastoral da Saúde em todas as suas dimensões.

III. Pastoral da Saúde

O que é a Pastoral da Saúde?

A Pastoral da Saúde é a ação evangelizadora de todo o povo de Deus, comprometido em



promover, preservar, defender, cuidar e celebrar a vida, tornando presente no mundo de hoje a ação libertadora de Cristo na área da saúde. Tem como objetivo “evangelizar com renovado ardor missionário o mundo da saúde, à luz da opção preferencial pelos pobres e enfermos, participando da construção de uma sociedade justa e solidária a serviço da vida” (GPS, 2010, n. 89). É uma ação solidária que ultrapassa os limites pessoais e familiares, pois deve se estender para a ação comunitária. Deve atingir a luta pelos direitos fundamentais no campo da saúde. Deve trabalhar a saúde integral e integrada. A tarefa da Pastoral da Saúde é promover, cuidar, defender e celebrar a vida, tornando presente na história o dom libertador e salvífico de Jesus, sendo humanizadora e evangelizadora, e deve “tornar presente os gestos e as palavras de Jesus misericordioso, e que infunde consolo e esperança aos que sofrem” (GPS, 2010, p. 16). Anuncia o Deus da vida e promove a justiça e a defesa dos direitos dos mais fracos e dos doentes. Quando Jesus enviou os apóstolos, mandou que curassem os doentes como sinal inequívoco da presença do Reino, conforme o Evangelho de Marcos (10,1). Em sua missão de pregar o Reino e curar os doentes, Jesus reintegrava as pessoas à sociedade.

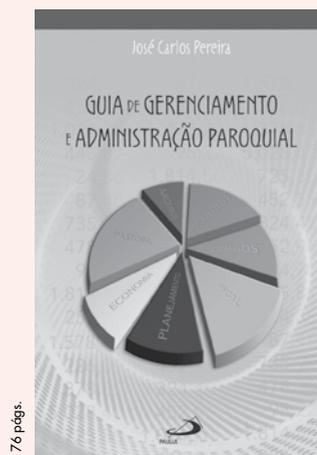
As dimensões da Pastoral da Saúde (GPS 91 a 93)

Solidária – vivência e presença samaritana junto aos doentes e sofredores nas instituições de saúde, na família e na comunidade (portadores do vírus HIV, Aids, deficiências, drogados, alcoolizados...). Visa atender a pessoa integralmente, nas dimensões física, psíquica, social e espiritual.

Comunitária – visa à promoção da saúde e à educação para a saúde; relaciona-se com saúde pública e saneamento básico, atuando na prevenção das doenças. Visa à capacitação de agentes multiplicadores de saúde e à criação de grupos comunitários. Procura valorizar

Guia de gerenciamento e administração paroquial

José Carlos Pereira



Guia de gerenciamento e administração paroquial reúne, de forma didática, um conjunto de operações em torno das quais se estruturam e se desenvolvem as atividades paroquiais. Ao mesmo tempo, é um texto voltado para os cuidados com arquivos e documentos que as paróquias, enquanto empresas perante o governo, recebem como cobranças de diferentes naturezas, de responsabilidades fiscais a encargos sociais. É um livro imprescindível para quem é pároco ou administrador paroquial, pois indica caminhos para que se possa trabalhar com as mais distintas realidades que esse ofício apresenta.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





zar o conhecimento, a sabedoria e a religiosidade popular em relação à saúde.

Político-institucional – atuação junto aos órgãos e instituições públicas e privadas que prestam serviços e formam profissionais na área da saúde. Participação nas conferências, nos conselhos municipais, estaduais e nacional de saúde e nas assembleias, buscando a humanização do sistema de saúde, a fiscalização e a denúncia quando isso não for possível. Zela para que haja reflexão bioética, formação ética e uma política de saúde sadia.

IV. Saúde e Bíblia

Tomando uma reflexão de Carlos Mesters (1986), vejamos como é tratada a saúde na Bíblia.

O importante não é a Bíblia nem o que ela fala sobre saúde. O importante é *a vida do povo*, nosso povo doente que pede cura; a Bíblia está a serviço deles. O apelo de Deus não vem da Bíblia nem da situação do povo concreto, mas da *realidade iluminada pela Bíblia*. A Bíblia é como um espelho que toma a luz de Deus e a projeta sobre a realidade do povo. (A luz não vem do espelho, e sim do sol.) A Bíblia é uma gramática, ajuda a ler os sinais de Deus presentes na vida do povo: “Eu vim para que todos tenham vida...”. A Bíblia é relativa, o importante é a *vida*.

Diferenças na maneira de encarar a saúde na Bíblia

Não basta relacionar a Bíblia com a realidade. Não podemos comparar o texto bíblico com a realidade de hoje. Primeiro é preciso ver as diferenças para depois perceber as semelhanças. No Antigo Testamento, temos as seguintes concepções:

Saúde – na Bíblia, a palavra hebraica que melhor expressa o sentido de “saúde” é *shalom*, que remete ao pleno bem-estar do ser humano. Em latim, o termo *salus* significa ao

mesmo tempo saúde e salvação: implica uma realidade abrangente de liberdade, justiça, fraternidade e paz. É um bem relacionado ao autor da vida. A saúde, portanto, é concebida como dom divino.

Doença – a doença é vista como castigo de Deus pelo pecado e pela transgressão da aliança (Dt 28,15-46).

Cura – a cura é vista de uma maneira simplória: rezar, observar a Lei de Deus, usar remédios (medicina popular), ter moderação e bom senso (Ecl 31,19-24; 37,27-31). Sendo a saúde concebida como bênção divina, é natural que o primeiro recurso para a cura de uma doença seja a oração. “Filho, não te revoltes na tua doença, mas reza ao Senhor e ele te curará” (Eclo 38,9).

Médico – aparece pouco (Ecl 38,1-15; 2Cr 16,12). Não era bem visto, uma vez que a convicção predominante é que a cura provém unicamente de Deus.

Medicina – a medicina é pouco desenvolvida, menos que no Egito e na Mesopotâmia, porque o povo da Bíblia era escravo e porque a medicina era envolvida pela fé e pela magia. Certos tabus impediram avanços na área, por exemplo: não tocar nos cadáveres, aversão pelo sangue.

Semelhanças dentro das diferenças

Dentro das diferenças, na maneira de encarar a saúde na Bíblia, há semelhanças para nós hoje. Os conselhos sobre saúde estão na linha preventiva. A saúde é a melhor riqueza; alegria é vida (Eclo 30,14-25; 31). A doença é vista também na perspectiva da situação do povo sofrido. São apontadas causas culturais, sociais, econômicas e políticas (por exemplo: Jo 24,1-12). A saúde está ligada à observância da Lei de Deus. Desobedecendo à ordem da vida, quebra-se a harmonia. A preocupação dos profetas é

“A Bíblia é como um espelho que toma a luz de Deus e a projeta sobre a realidade do povo.”



com os pobres, órfãos, viúvas, estrangeiros, categorias mais desprotegidas.

Ação dos profetas e saúde do povo

O profeta está preocupado com a saúde do povo. Quando percebe “cacos” de vidro, ele sente a quebra da aliança e grita. Só grita quando o equilíbrio foi rompido. A ação do profeta toca no problema da saúde enquanto ligado ao equilíbrio da justiça, fraternidade e partilha exigido pela aliança. A ação deles, exigindo a observância da aliança e das leis, situa-se na linha preventiva.

Para anunciar ou denunciar, o profeta tem um critério concreto e, de certo modo, duplo: experiência profunda de Javé, Deus do povo, e experiência profunda da realidade do povo de Deus. O profeta sente isso como um impulso. Jeremias diz: “é como um fogo dentro de mim”; “estou bêbado não de vinho, mas da Palavra de Deus. Devo anunciar”. É um Deus concreto: Deus dos pais, Javé libertador, Memória do Povo. A experiência se faz misturada com a história pessoal de cada um. Deus não é um produto de massa, é um Deus pessoal. Deus é como o amor: dá-se todo a todos e a cada um. O profeta capta o grito calado do povo, é microfone, amplificador.

Trabalho de saúde é trabalho profético, que denuncia o pecado – ruptura com Deus que faz a desorganização de tudo. O profeta tem a experiência do empobrecimento do povo e tem impulso para gritar. A preocupação de Deus e dos profetas é muito concreta: terra, povo, família, bênção, condições do povo para viver.

Os profetas apontam três caminhos de conversão (mudança):

- Justiça – é quando tudo está no lugar que Deus quer. Então, é preciso combater as causas da falta de saúde, isto é, as estruturas injustas (organização do poder).

- Solidariedade – pôr na frente o ideal que se quer. A comunidade deve ser sinal daquilo que Deus quer.

Leigos e leigas

Força e esperança da Igreja no mundo

Cesar Kuzma



Quem são os leigos e as leigas de hoje? Seria lícito caracterizá-los, apenas de maneira geral e por vezes pejorativa, como leigos? Por certo que não. Estes leigos, homens e mulheres, constituem parcela importante da Igreja e possuem rostos próprios. Logo, suas interrogações devem ser ouvidas e aproveitadas, porque eles trazem para dentro da Igreja o olhar íntegro da sociedade. Ouvi-los é ouvir a sociedade; inseri-los e formá-los na comunidade eclesial é preocupar-se com o futuro dela e também com o da sociedade civil.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





- Mística – não neutralizar o grito do pobre. O profeta é peregrino. Ajudar o pobre e o doente a recuperar sua consciência.

Os três caminhos estão ligados entre si, e um não é completo sem o outro, embora cada um ressalte um aspecto particular. Vejamos:

- Justiça sem solidariedade e sem mística desumaniza o trabalho de evangelização (sindicalismo).

- Solidariedade sem justiça e mística é assistencialismo.

- Mística sem solidariedade e sem justiça ofende o povo, revela um Deus que não se importa com seu povo. É alienação.

A ação de Jesus e a saúde do povo

Perdura ainda no povo a mentalidade do Antigo Testamento: doença como castigo de Deus, médicos desacreditados.

Os doentes, os marginalizados aparecem à luz do dia por causa da ação de Jesus. O povo procura Jesus para ser curado. Os doentes estão no centro da atividade profética de Jesus. Os doentes agora são os “cacos” da humanidade, que mostram que a vidraça da aliança se quebrou.

Estrutura – Justiça: Jesus encarava a Estrutura como a doença de seu povo. A falta de saúde e o pecado não tinham ligação individualista e moralista. A estrutura é pecaminosa.

Comunidade – Solidariedade: “ao ver a viúva, ficou com dó”. Jesus era a bondade ambulante. A solidariedade de Jesus não era só dó, mas apelo à conversão da própria comunidade. Jesus defende os doentes, a ovelha encurvada, o paraplégico, a hemorroísta... O ato mais solidário de Jesus é morrer na cruz, como pobre, doente, abandonado. Morre como o povo pobre e grita: “Meu Deus, por que me abandonaste?”. O Pai atende o grito do pobre, Deus vai escutá-lo.

Consciência – Mística: “Não pôde fazer milagres por falta de fé” (Mc 6,5). É importante que o doente também descubra sua missão e a tremenda força libertadora do sofrimento. Jesus veio trazer a vida plena e feliz; de outro lado, manda carregar a cruz cada dia. Isso tem a ver com a renovação da consciência do próprio doente. A mística do servo sofredor: Mt 12,15-21; Mt 8,1; Jo 1,29. Os doentes devem ser portadores de nova consciência e não ape-

nas receptores de uma cura. “Eu vim para que todos tenham vida” (Jo 10,10).

Assim, os agentes de Pastoral da Saúde são chamados a ser profetas: apelo à mudança (conversão); não se conformar (Deus não quer!); ter indignação ética. As Campanhas da Fraternidade específicas

sobre a saúde – ao lado de todas as outras, já que todas têm um referencial na saúde, entendida de maneira ampla – devem ajudar os agentes de Pastoral da Saúde nos desafios para que o povo tenha saúde!

“A solidariedade de Jesus não era só dó, mas apelo de conversão da própria comunidade.”

V. Campanha da Fraternidade

A Campanha da Fraternidade é realizada anualmente pela Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, sempre no período da Quaresma. Seu objetivo é despertar a solidariedade dos fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução. A cada ano é escolhido um tema, que define a realidade concreta a ser transformada, e um lema, que explicita em que direção se busca a transformação. A campanha é coordenada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Educar para a vida em fraternidade, com base na justiça e no amor, exigências centrais do Evangelho.

Renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação da Igreja Católica na



evangelização e na promoção humana, tendo em vista uma sociedade justa e solidária.

A título de exemplo, na área da saúde, podemos destacar três Campanhas da Fraternidade com a participação da Pastoral da Saúde: Campanha da Fraternidade de 1981: saúde e fraternidade; Campanha da Fraternidade de 2008: fraternidade e defesa da vida; Campanha da Fraternidade de 2012: fraternidade e saúde pública. As Campanhas da Fraternidade nos convidam a refletir sobre o exercício da cidadania num trabalho integrado entre Igreja e sociedade.

VI. Cidadania e direito à saúde

Democracia e desenvolvimento são elementos importantes para entender a cidadania. Cidadania diz respeito à autonomia de uma sociedade para traçar suas políticas. Democracia, sob o viés político, é a capacidade das pessoas de se organizarem e participarem ativamente. Sob o viés sociopolítico-econômico, é a consagração dos direitos mínimos do ser humano: educação, saúde, habitação, segurança, alimentação, trabalho. Sob o viés sociocultural, cidadania é a educação que propicia ao povo definir seus próprios valores.

Sem democracia, a cidadania fica comprometida, não encontrando espaço para existir em uma sociedade cuja participação nas estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais é permitida apenas a uma minoria da população, com a condição intrínseca da exclusão e, conseqüentemente, da marginalização da maioria.

Cidadania não é apenas crescimento socioeconômico que se traduz no acesso a bens e riqueza, mas é desenvolvimento pleno das capacidades humanas. Na dimensão social, então, significa atuar criticamente para reverter a desigualdade social, ou seja, as diferenças que poderiam ser evitadas (PESSINI; BARCHIFONTAINE, 2014, p. 174).

Qual é a participação ativa da Pastoral da Saúde na política? O agente de Pastoral da Saúde é um cidadão!

Por uma Igreja do reino Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial

Adriano Sella



“Menos mestres, mais testemunhas; menos livros religiosos, mais Bíblia.” Eis algumas pistas que o autor deste livro sugere, com a preocupação de promover no interior da Igreja a renovação que muitos invocam. Das reflexões aqui presentes nasceu um percurso em que o leitor, passo a passo, é colocado diante da realidade eclesial de hoje, sentindo-se estimulado a dar sua contribuição para a renovação da mensagem.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





O cidadão deve ser um agente de transformação na sociedade no resgate da dignidade da pessoa e da qualidade de vida. É tendo a responsabilidade de agir, de dar razões da ação e de arcar com as consequências que se aprende a viver junto.

VII. Sinais de esperança

A reflexão e o enfoque integral que vêm sendo dados à saúde como qualidade de vida, bem-estar integral e direito fundamental de toda pessoa evidenciam as condições essenciais para o desenvolvimento pessoal e comunitário.

O surgimento de numerosas organizações populares que trabalham com o cuidado, a defesa e a promoção da vida em áreas rurais e urbanas.

A presença cada vez mais significativa de mulheres que assumem compromissos em favor das comunidades.

A medicina popular e alternativa que vai sendo desenvolvida com todo o seu valor e que leva em conta o contexto global da saúde e da doença.

No âmbito da Igreja, há um despertar de iniciativas e trabalhos organizados para promover a humanização dos serviços de saúde, das estruturas e das instituições hospitalares e educativas, fomentando a formação, a capacitação e a atualização dos profissionais da saúde em nível humano, ético e bioético.

Também nos deixa plenos de esperança o surgimento de grupos de pastoral da saúde, de associações de enfermos, de organizações populares de saúde comunitária que formulam propostas no âmbito das políticas públicas de saúde como condição indispensável para melhorar as condições de vida dos cidadãos.

A presença evangelizadora da Igreja por meio de numerosos leigos comprometidos, profissionais de saúde, sacerdotes, religiosos (as), que promovem, animam e apoiam essas iniciativas (cf. *Documento de Aparecida*, n. 419).

Numerosas conferências episcopais valorizam a Pastoral da Saúde e estão comprometidas em organizá-la e estruturá-la no âmbito de uma pastoral orgânica. ●

Bibliografia

CNBB. *Campanha da Fraternidade 1981: texto-base*. Brasília: Edições CNBB, 1980.

_____. *Campanha da Fraternidade 2008: texto-base*. Brasília: Edições CNBB, 2007.

_____. *Campanha da Fraternidade 2012: texto-base*. Brasília: Edições CNBB, 2011.

CELAM. *Discípulos missionários no mundo da saúde: guia para a pastoral da saúde na América Latina e no Caribe – GPS*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2010.

_____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

MESTERS, C. *Os profetas e a saúde do povo*. Belo Horizonte: Cebi, 1986.

NIERO, E. M.; LORASCHI, C. “Bíblia e saúde pública: a vida com dignidade”. *Vida Pastoral*, São Paulo: Paulus, mar./abr. 2014.

OLIVEIRA, I. F.; SOUZA, W. “A pastoral da saúde da Arquidiocese de Curitiba e seus desafios”. In: JORNADA INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM TEOLOGIA E HUMANIDADES (JOINTH), 3., 2013, Curitiba. *Anais...* v. 3, n. 1, Curitiba: PUC/PR, 2013.

PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*. São Paulo: Loyola: Centro Universitário São Camilo, 2014.



A espiritualidade como um dos referenciais da bioética?

Leo Pessini*

William Saad Hossne**

A quais questões estão hoje se associando a espiritualidade e a religiosidade? A associação maior é com saúde, sobretudo saúde mental, e, dentro da área de saúde, com cuidados paliativos e terminalidade da vida.

* Superior Geral dos Camilianos (2014-2020). Pós-doutor pela Universidade de Edinboro – Instituto de Bioética James F. Drane, Pensilvânia, EUA. Docente do Programa *Stricto Sensu* em Bioética (mestrado, doutorado e pós-doutorado) do Centro Universitário São Camilo (SP), Brasil. *E-mail*: lpessini@uol.com.br

** Médico. Professor emérito (Cirurgia) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Medicina, *campus* Botucatu (SP). *E-mail*: wsaad@fmb.unesp.br

Introdução

Um aspecto introdutório importante a ser destacado é que esta reflexão foi escrita por duas pessoas militantes da bioética praticamente desde o nascedouro dessa área de conhecimento, cada uma das quais proveniente de uma área de atuação profissional diferente: William Saad Hossne da medicina científica, e Leo Pessini da teologia moral e do aconselhamento psicológico.

A atualidade do tema em questão é indiscutível. Leonardo Boff, teólogo brasileiro de projeção internacional, não hesita em afirmar: “Talvez uma das transformações culturais mais importantes do século XXI seja a volta da dimensão espiritual da vida humana”. Outros pensadores já afirmaram também que o século XXI ou será ético, ou não existiremos. A questão ética e bioética se tornou de



“sobrevivência humana”, advertia-nos Potter no início de suas intuições bioéticas.

A trajetória reflexiva deste texto conta com os seguintes momentos: associação entre espiritualidade e saúde – bioética clínica; a espiritualidade na visão de alguns teólogos e bioeticistas; a espiritualidade como referencial da bioética: considerações finais.

Associação entre espiritualidade e saúde

A quais questões estão hoje se associando a espiritualidade e a religiosidade? A associação maior é com saúde, sobretudo saúde mental, e, dentro da área de saúde, com cuidados paliativos e terminalidade da vida. Fazendo uso de índices bibliométricos, verificamos, em três bases de dados, que, do total de publicações cujo título contém o vocábulo “espiritualidade” (2.347), em 12% (284) o termo “espiritualidade” está frequentemente associado a saúde. Na base Medline, isso ocorre em 14% das publicações; no Lilacs, em 25%; e no Philosopher’s Index, 2%. Dos artigos em cujos títulos aparecem os dois vocábulos (“espiritualidade” e “saúde”), 19% se referem a saúde mental (no caso do Medline, essa taxa é maior: 20%).

Por outro lado, ao se analisarem os títulos das publicações sobre espiritualidade, verifica-se uma tendência crescente, sobretudo no Lilacs, de unir os dois vocábulos, espiritualidade e religiosidade, com traço (ou barra) de união, o que evidencia fusão (ou equivalência) dos termos, os quais, a nosso ver, se inter-relacionam, mas não se equivalem.

Ressalte-se a riqueza dos artigos que tratam da associação da espiritualidade e da religiosidade e também das religiões com a saúde mental. Pela qualidade, especial menção seja feita ao livro de Dalgalarrodo *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Trata-se de livro

muito bem elaborado que aborda diversos aspectos de religião, religiosidade e psicopatologia e apresenta mais de 500 referências bibliográficas.

Na introdução, o autor assinala que “a religiosidade é uma das dimensões mais marcantes e significativas (assim como doadora de significados) da experiência humana cotidiana, da subjetividade”. O autor enfatiza que há “consenso entre cientistas sociais, filósofos e psicólogos sociais de que a religião é uma importante instância de significação e ordenação da vida, de seus reveses e sofrimentos”.

O autor também faz uma análise da religiosidade no Brasil que merece destaque. Quanto à importância da espiritualidade e, sobretudo, da religiosidade e das religiões na esfera da saúde, e particularmente na saúde mental, o livro não deixa brechas nem dá margem a dúvidas. Tendo em vista o presente artigo, vale lembrar também os aspectos “negativos”, por assim dizer, presentes tanto na esfera da psicopatologia como da religiosidade e das religiões. Nesse sentido, vale ressaltar que, nas conclusões, Dalgalarrodo apresenta um quadro demonstrativo das associações entre religião e religiosidade e a saúde mental, importantes para a reflexão bioética. De um lado, elenca e sintetiza os possíveis “fatores positivos” e, de outro, os “fatores negativos” nessas associações.

Do conjunto apresentado por Dalgalarrodo, destacamos alguns dos “fatores positivos” e dos “fatores negativos”. Fatores ou efeitos positivos: fornecer um conjunto de sentidos e significados possíveis para a existência, para o sofrimento e para a morte; praticar rituais que podem fornecer a sensação de pertença a um grupo; difundir a ideia de solidariedade e de igualdade, veiculando va-

“A religiosidade é uma das dimensões mais marcantes e significativas da experiência humana.”

lores e comportamentos relacionados à aceitação, tolerância, ajuda e apoio a outras pessoas e grupos. Aparentados ao sentido de solidariedade, estariam a piedade, a caridade, o amor ao próximo e à natureza etc.

Fatores ou efeitos negativos: diminuir a liberdade individual por meio de cobranças exigentes do grupo sociorreligioso; estabelecer padrões de conduta moral de difícil alcance, produzindo uma sensação constante de culpa, insuficiência e baixa autoestima; praticar rituais emocionalmente intensos pode desencadear episódios psicóticos ou outros transtornos mentais.

Ainda na esfera da espiritualidade e religiosidade, de um lado, e saúde mental, de outro, encontram-se importantes subsídios na edição da *Revista de Psiquiatria Clínica* (2007, v. 34, supl. 1) inteiramente dedicada ao tema. São apresentados dados de revisão da literatura que abrangem amplo leque de itens. Entre outros, destacamos consumo de drogas, cuidados paliativos, saúde física, transtornos psicóticos, qualidade de vida, experiências de quase morte, enfrentamento religioso/espiritual e psicoterapia.

A revisão, aliada à ótima análise crítica dos respectivos autores dos artigos, deixa clara a importância da espiritualidade e religiosidade na saúde mental, justificando, ao menos, a necessidade de considerar a espiritualidade na reflexão bioética. Nessa direção, o editorial “Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora”, assinado por Moreira-Almeida, é muito oportuno, assim como o prefácio de autoria de Koenig.

Além da área da saúde, em especial da saúde mental, contribui muito para o aumento de publicações sobre espiritualidade o interesse crescente nos cuidados paliativos, cujo desenvolvimento se acentuou a partir da segunda metade do século XX e rapidamente passou a despertar uma série de questionamentos, envolvendo aspectos e problemas de natureza ética e bioética. É importante assi-

Uma nova evangelização Pastoral de conjunto e pastorais orgânicas

João Bosco Oliveira
Aparecida de Fátima Fonseca Oliveira



O escopo desta obra contempla um grande desafio: alcançar a unidade e a integração das pastorais, movimentos, associações e serviços eclesiais em um trabalho articulado com a diocese ou a paróquia, onde a ideia de complementaridade possibilite uma evangelização eficaz e produtiva. Nesta dinâmica de uma profícua evangelização, os autores colocam, além de um embasamento teórico, atividades e iniciativas para ajudar a compenetração das ações evangelizadoras, com base nas Sagradas Escrituras e no Magistério da Igreja.

Ilustrações: Inegens, meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





nalar a presença de forte associação com a espiritualidade na história e evolução dos cuidados paliativos.

Já em 1967, Cicely Saunders, ao fundar o St. Christopher's Hospice, em Londres, elaborou o conceito de *dor total*, englobando a dimensão espiritual do sofrimento. Ela mesma era uma pessoa de profunda espiritualidade cristã. Não é à toa que, no centro de sua instituição de cuidados paliativos, a capela ocupava um lugar estratégico. A Organização Mundial de Saúde (OMS), em três momentos, ao definir e aprofundar o conceito de cuidados paliativos, incluiu a dimensão “espiritual do ser humano”. Em 1990, ao definir cuidados paliativos, inseriu a frase: “controle da dor e de outros sintomas e problemas de ordem psicológica, social e *espiritual* são prioritários” (grifo nosso). Em 1998, ao procurar aprimorar a definição de cuidados paliativos, estipulou “cuidado ativo total para o corpo, mente e *espírito*” (grifo nosso). Em 2002, ao se referir a cuidados paliativos, afirma que eles abrangem “tratamento da dor e outros problemas de ordem física, psicossocial e *espiritual*” (grifo nosso).

Verifica-se, pois, forte vinculação entre cuidados paliativos e a espiritualidade, estando tal associação presente na própria definição de cuidados paliativos. Nessa tendência de vincular a espiritualidade na definição de conceitos, vale assinalar, mesmo que de passagem, que as diretrizes bioéticas para a pesquisa em seres humanos no Brasil (Resolução 196/96 – CNS 1996) incluíam, na definição de danos, a espiritualidade.

Pelo até aqui exposto, verificamos que, a partir do ano 2000, veio crescendo o número de publicações referentes à espiritualidade. Nessas publicações, os vocábulos “religiosidade” e “religião” vêm associados ao termo “espi-

ritualidade”, no próprio título do artigo publicado. Isso significa que religião e religiosidade são temas básicos da publicação, inseridos, porém, no contexto da espiritualidade. Nota-se, também, a associação entre espiritualidade e saúde, além de saúde mental e dos cuidados paliativos, que acabamos de abordar.

Na literatura, constata-se a ampla e abrangente associação entre religiosidade e saúde física, religiosidade e personalidade, espiritualidade e oncologia, espiritualidade e envelhecimento, espiritualidade e consumo de álcool, espiritualidade e anorexia nervosa, religiosidade e HIV, espiritualidade e epilepsia, espiritualidade e dor, espiritualidade e qualidade de vida, religiosidade e maternidade prematura, religiosidade e sentido da vida (logoterapia de V. Frankl), espiritualidade e transtorno bipolar e espiritualidade e terminalidade na deontologia.

Vale assinalar a crescente atenção da enfermagem, na América Latina e no Brasil, pelo tema da espiritualidade. No campo da “relação profissional da saúde e cliente”, nota-se tal enfoque, sobretudo, nas profissões da área de enfermagem, assinalando a necessidade do preparo do profissional perante o interesse do paciente por questões de espiritualidade. As publicações evidenciam o interesse tanto do paciente como do profissional de saúde, bem como a falta de formação na área para o enfrentamento da matéria. Embora de modo sumário, fica caracterizada a importância e o envolvimento da espiritualidade, incluídas aí a religiosidade e a religião enquanto manifestações de espiritualidade, saúde e bem-estar do ser humano.

Além dessas situações, cabe citar que questões de espiritualidade (sobretudo religião), em algumas situações, já estão equacionadas em códigos de ética e em leis. É o

“As publicações evidenciam o interesse tanto do paciente como do profissional de saúde, bem como a falta de formação na área para o enfrentamento da matéria.”

caso, por exemplo, do problema de transfusão de sangue em testemunhas de Jeová. O tema tem sido e continua a ser discutido no campo das implicações bioéticas. No Brasil, houve uma definição deontológica, prevalecendo a autonomia (do paciente, respeitada a do médico) e a beneficência (proposta pelo médico) em várias situações clínicas, exceto quando houver risco de morte do paciente (art. 22 do Código de Ética Médica, de 2009).

Em suma, são levantadas questões de ordem jurídica, religiosa, social, legal, médica, médico-legal, ética e bioética. O leitor tem a oportunidade de refletir sobre o tema com base na opinião de intelectuais especialistas nesta área do conhecimento humano, mas falta ainda uma visão de estudiosos e teólogos.

A espiritualidade na visão de alguns teólogos e bioeticistas

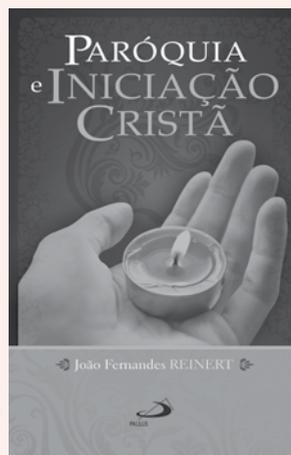
Potter publicou na revista *The Scientist* interessante artigo, com o sugestivo título “A ciência e a religião devem partilhar da mesma busca em relação à sobrevivência global”. Diz ele (1994, p. 12):

Durante séculos, a questão dos valores humanos foi considerada apenas para além do campo científico, propriedade exclusiva dos teólogos e filósofos seculares. Hoje, devemos sublinhar que os cientistas não somente têm valores transcendentais, mas também os valores que estão embutidos no *ethos* científico necessitam ser integrados com aqueles da religião e filosofia para facilitar processos políticos benéficos para a saúde global do meio ambiente.

Potter considera que os cientistas devem aplaudir os esforços de Hans Küng de apontar para a construção de uma aliança reconciliatória entre crentes e aqueles que não são fundamentalmente caracterizados como religiosos (a maioria dos cientistas provavelmente aí incluídos). É preciso unir forças perante

Paróquia e iniciação cristã A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal

João Fernandes Reinert



240 págs.

A transmissão da fé e sua consequente vivência eclesial comunitária são dois desafios pastorais da atualidade. É um desafio o iniciar na fé, quando já não é mais natural ser cristão; é exigente perseverar na vivência eclesial, quando cresce o assim chamado processo de desinstitucionalização religiosa ou a crença sem pertença. Repensar os caminhos da iniciação cristã e a reconfiguração eclesial é, portanto, uma tarefa urgente. A metodologia catecumenal, caminho antigo e sempre novo para se iniciar na fé, apresenta-se como uma renovada chance evangelizadora.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





a responsabilidade global da sobrevivência humana e seu apelo pelo respeito mútuo, necessário para uma ética mundial comum.

Potter continua:

Estamos conscientes de que as religiões não podem resolver os problemas econômicos, políticos e sociais da Terra. Contudo, elas podem prover o que não conseguimos com planos econômicos, programas políticos e regulamentações legais. As religiões podem causar mudanças na orientação interior, na mentalidade, nos corações das pessoas e levá-las para uma conversão de um falso caminho para uma nova orientação de vida. *As religiões, contudo, são capazes de dar às pessoas um horizonte de sentido para suas vidas e um lar espiritual.* Certamente, as religiões podem agir com credibilidade somente quando eliminarem os conflitos que surgem entre si e desmantelarem imagens hostis e preconceitos e desconfianças mútuas (grifo nosso).

Leonardo Boff define espiritualidade como a dimensão em nós que responde pelas derradeiras questões que sempre acompanham nossas indagações: de onde viemos; para onde vamos; qual o sentido do universo; que podemos esperar para além desta vida. As religiões costumam responder a tais indagações, mas não detêm o monopólio da espiritualidade. Esse é um dado antropológico de base, como são a vontade, o poder e a libido. A espiritualidade emerge quando nos sentimos parte de um todo maior. É mais que a razão, é um sentimento oceânico de que uma energia amorosa origina e sustenta o universo e cada um de nós.

Puchalsky e Romer definem “espiritualidade” como aquilo que permite que uma

pessoa vivencie um sentido transcendente na vida. Trata-se de construção que envolve “fé” e “sentido”. A fé é a crença numa força transcendental superior, não necessariamente identificada com Deus ou vinculada à participação nos rituais de uma religião específica. Essa fé pode identificar tal força como externa à psique humana ou internalizada. O sentido, por sua vez, envolve a convicção de que se está realizando um papel e um propósito inalienáveis na vida, que é considerada um dom.

“As religiões são propostas de felicidade e seria muito bom se recuperassem a ideia originária de fazer propostas de vida plena.”

Adela Cortina, doutora em filosofia, bioeticista espanhola muito conhecida na América Latina e particularmente no Brasil, ao ser perguntada a respeito do papel da religião nas sociedades pluralistas, distingue éticas dos máximos (proposta pelas religiões) e a ética dos mínimos. O pluralismo moral consiste em saber articular as distintas éticas de máximos segundo uma ética cívica mínima compartilhada. A ética cívica mínima não é rebaixar a ética ao mínimo, e sim resgatar os valores em comum, como justiça, igualdade, solidariedade.

Para Adela Cortina, as religiões são propostas de vida feliz e seria muito bom se recuperassem a ideia originária de fazer propostas de felicidade, de vida plena, autorrealizada. Numa sociedade em que ninguém faz projetos de felicidade, as exigências de justiça são muito menores. Quando o que buscamos é ser feliz no sentido pleno da palavra, a justiça importa muito. As religiões seguem tendo essa tarefa de fazer propostas de felicidade e têm de recuperá-la. É a ideia do Evangelho, já uma boa notícia. A boa notícia é que a felicidade é possível para todos os seres humanos. Estamos muito carentes de propostas de felicidade. As religiões têm ido muito pelo Direito Canônico e se esqueceram dos projetos de felicidade.

A especificidade do cristianismo hoje segue sendo o amor. O amor é o nível maior do

que se pode exigir da justiça. Existe um lugar importantíssimo que não é o dos deveres e direitos nem o da justiça. Adela Cortina fala de obrigações. A palavra obrigação vem de ligação, de vínculo. Quando descobrimos que temos vínculos com os outros, sentimo-nos obrigados, embora ninguém nos obrigue. Não é um dever que nos impõem nem algo que nos dizem, e sim nós é que notamos esse vínculo e nos sentimos “obrigados”. Todos necessitam de consolo, esperança, sentido, ilusão, e nenhum governo tem o dever de dar essas coisas. Esse é o papel das religiões. Elas devem dar consolo em tempos de cansaço, ajuda em tempos de vulnerabilidade, sentido quando as pessoas se perguntam se as coisas valem a pena, sonhos, projetos. Esse é o seu grande papel. Elas devem plenificar o coração e fazer com que existam coisas a serem compartilhadas pela abundância do coração.

Diego Gracia, ilustre catedrático da Universidade Complutense de Madri, bioeticista conhecido em terras latino-americanas e especialmente no Brasil por sua frequente participação em congressos, cursos de bioética e obras publicadas, apresenta a questão numa perspectiva histórica, afirmando que, a partir do século XVIII, a civilização ocidental optou preferencialmente pelos fatos, sobretudo os científicos, embora essa predileção fosse acompanhada pelos chamados valores instrumentais, que tinham importância por serem meios a serviço de algo distinto de si mesmos. Por exemplo, um fármaco tem um valor instrumental, ao ser útil para curar uma enfermidade. Em contraposição, existem os chamados valores intrínsecos, que têm sentido por si mesmos, como a solidariedade, o amor, a justiça, a paz ou a saúde, e não podem ser comprados ou vendidos.

Segundo o catedrático, quando os valores instrumentais dominam na sociedade, o único valor intrínseco que se promove é o bem-estar. Trata-se de uma característica própria de nossa sociedade, visto que vivemos numa cultura do bem-estar, entendida

Construção da cidadania e gestão eclesial

Relato de uma experiência que deu certo

Adailton Altoé



Diante do nível alarmante de corrupção presente em nossas instituições públicas, muitos cristãos têm se mobilizado pela causa da ética na política. A verdadeira força da Igreja na política não está no fato de participar das instâncias de poder político, nem em fazer discurso panfletário no altar, mas numa experiência eclesial significativa, que transforme a mentalidade e a prática das pessoas, gerando indignação diante das injustiças sociais e, conseqüentemente, comprometimento por uma nova sociedade, tomando por referência o *status* de cidadania.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





como o desfrutar de bens materiais e, acima de tudo, do dinheiro.

Contudo, o conceito que hoje temos da espiritualidade refere-se, necessariamente, ao cultivo dos valores intrínsecos e não dos valores instrumentais. Do conjunto dos valores intrínsecos se destacam os valores espirituais, entre os quais estão os valores jurídicos (justo ou injusto), sociais (solidário ou egoísta), lógicos (verdadeiro ou falso), morais (bom ou mau), religiosos (santo ou profano) etc. Esses valores constituem a vida do espírito e são os que, hoje em dia, podem dotar de conteúdo o termo espiritualidade.

Ao aplicar essa conceituação à área da terminalidade da vida, Gracia afirma que aí os valores instrumentais deixam de ser importantes e, ao mesmo tempo, existe especial sensibilidade pelos valores intrínsecos, especialmente os espirituais. Então tomamos consciência de entrar numa dimensão mais profunda do ser humano, ao estarmos, segundo Karl Jaspers, numa situação-limite, nas cercanias da morte.

Assim, como os valores espirituais passam ao primeiro plano, os cuidados paliativos não podem se limitar a promover o máximo bem-estar material e vital do paciente, controlar a dor e proporcionar apoio emocional. O cuidado total de Cicely Saunders também exige levar em conta as necessidades espirituais. Entre todos esses valores espirituais, destaca-se a religião, que se vincula a uma atitude de agradecimento que se pode ter e cultivar até mesmo sem crer na existência de um ser pessoal a que chamamos Deus. Portanto, a religiosidade não é exclusiva de pessoas que creem em Deus ou pertencem a uma Igreja institucional. Os cuidados paliativos devem oferecer o cuidado espiritual ao paciente, porém entendido nesse sentido mais amplo que o demarcado pela religião.

Diego Gracia conclui dizendo que os

cuidados paliativos, que procuram ajudar em situações críticas, inicialmente abordarão o bom manejo dos valores instrumentais (analgésicos e outros produtos que permitam controlar os sintomas) e, no campo dos valores intrínsecos, o que se revela menos conflituoso, o bem-estar. Porém, o cuidado total do paciente exige também a gestão correta dos valores espirituais.

“O conceito que hoje temos da espiritualidade refere-se ao cultivo dos valores intrínsecos e não dos valores instrumentais.”

Francis S. Collins, cientista do Projeto Genoma Humano, em sua obra *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que ele existe*, assume que a ciência é a única forma confiável para entender o mundo da natureza, e as ferramentas científicas, quando utilizadas de maneira adequada, podem gerar profundos discernimentos na existência material. A ciência, entretanto, é inca-

paz de responder a questões como: por que o universo existe? Qual o sentido da existência humana? O que acontece após a morte? Uma das necessidades mais fortes da humanidade é encontrar respostas para as questões mais profundas, e temos de apanhar todo o poder de ambas as perspectivas, a científica e a religiosa, para buscar a compreensão tanto daquilo que vemos como do que não vemos (p. 14-15).

Segundo o filósofo Hardwig, a palavra espiritual é complexa:

(...) refere-se às preocupações sobre o significado fundamental e os valores fundamentais da vida. Espiritual não implica qualquer crença em um ser supremo ou numa vida depois dessa. Os ateístas têm preocupações espirituais como qualquer outra pessoa.

Esse autor questiona o silêncio dos bioeticistas sobre questões de espiritualidade no final da vida. Verifica-se que essa área da espiritualidade se apresenta no concreto da vida pelo colorido de um pluralismo de ritos



e com “múltiplas visões”. Está-se diante de um pluralismo de convicções e opções, algo que é necessário respeitar. Não se pode mais absolutizar um conhecimento em detrimento de outro. Nenhum conhecimento em si esgota a realidade da vida e da natureza de uma pessoa como um todo. Certamente o conhecimento da racionalidade científica é importante, assim como outros, tais como a música, a arte, a literatura, a cultura e as religiões. Querer captar todo o “mistério do transcendente” nas simples malhas da razão humana não deixa de ser um ato de orgulho louco.

Como vemos, as perspectivas aqui expostas nos falam das espiritualidades das religiões, enquanto núcleo fundador de significados e transcendência. Circunscrevemos nossa reflexão à espiritualidade no coração das religiões tão somente. Discorrer sobre a relação entre ciência e religião, entre religião e bioética seria assunto para outra reflexão.

Considerações finais

Por tudo até aqui discutido, conclui-se que a espiritualidade é importante como referencial, como espaço próprio, mas também se articula com outros referenciais, tais como alteridade, altruísmo, prudência, equidade, autonomia, beneficência, solidariedade. Em suma, no círculo aberto dos referenciais, deve-se incluir a espiritualidade, tal como aqui discutida, com base nas seguintes considerações, sumariamente elencadas: a) clássica e tradicionalmente, tem-se afirmado que o ser humano é um ser racional e um ser espiritual; b) racionalidade e espiritualidade seriam características distintivas do ser humano em relação a outros animais; c) mesmo na ficção (Vercors), a definição de ser humano se alicerça no fato de distinguir-se do animal por seu espírito religioso: “E os principais sinais do espírito religioso são, na ordem decrescente: a fé em Deus, a ciência, a arte e todas as suas manifestações; o fetichismo, os totens e os tabus, a magia, a bruxaria e suas manifestações”.

Fica claro que o ficcionista, ao falar em “espírito religioso” e enumerar os seus sinais, está se referindo à espiritualidade, mais do que à religiosidade ou religião, mas já situando a religiosidade como manifestação da espiritualidade. Com efeito, verificamos nos dicionários que espiritualidade se refere à “qualidade do que é espiritual” e que espiritual é algo “concernente ao espírito”. E espírito diz respeito à “parte imaterial do ser humano; alma”.

Vale sempre lembrar que a bioética é necessária e obrigatoriamente uma área do conhecimento de natureza pluralista, multi e interdisciplinar, dela devendo participar todos os protagonistas que possam intervir em sua discussão. Para nós, até um dogma de uma religião não pode ser rejeitado *in limine* numa avaliação de natureza bioética, mas nunca como dogma, e sim, eventualmente, como já foi referido, como linha de pensamento (via final) ou como subsídio inicial para *insight*.

Tal como entendida e demonstrada pela gama crescente de publicações, a espiritualidade guarda relação direta com um dos aspectos sobre os quais a bioética se debruça: o sentido da vida, considerado, aliás, como um dos pontos convergentes das várias religiões. Trata-se de questão que surgiu com o homem racional e se estendeu a todos os que professam qualquer uma das religiões, mas também está presente entre os ateus e agnósticos. As considerações a respeito da definição de Homem, de Vercors, fundamentam a afirmação.

A espiritualidade vem sendo cada vez mais invocada na área da bioética em situação clínica (bioética clínica) e no campo da saúde em diversas áreas (saúde mental, cuidados paliativos, qualidade de vida, terminalidade de vida). Também tem sido enfocada como necessária para que o profissional da saúde se capacite para melhor atuar junto ao doente. A área de enfermagem vem se preocupando com a formação de alunos pós-graduandos e profissionais da enfermagem, para melhor equacionar a



questão da espiritualidade na relação com o paciente. Nessa formação, os dados da literatura já apontam para a importância de encarar a espiritualidade do próprio profissional da saúde, de um lado, e a espiritualidade do paciente, de outro. Como se deve proceder? Qual deve preponderar? Aqui, como no caso da autonomia, “as duas espiritualidades” devem procurar a harmonia, tendo como objetivo respeitar a autonomia de um e de outro e voltar-se para os melhores interesses do sujeito, o ser humano.

Ao advogarmos a necessidade de diálogo entre bioética e religião, na perspectiva de que no coração de toda religião está a es-

piritualidade, indagávamos se a espiritualidade não deveria ser um dos referenciais da bioética. Com o presente artigo, argumentamos que a espiritualidade, na perspectiva aqui adotada, deve, sim, ser um dos referenciais da bioética. Como ocorre com outros referenciais – por exemplo, vulnerabilidade, autonomia, alteridade –, a espiritualidade ganha o devido espaço não só em decorrência de outros referenciais, sobretudo o respeito pela autonomia e alteridade, mas também por causa de si mesma, como personalidade referencial.

Bibliografia

- COLLINS, F. S. *A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que ele existe*. São Paulo: Gente, 2007.
- CORTINA, A. “Ética cívica: ética de máximos – ética mínima”. *IHU On-line*, n. 44, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao44.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2016.
- GRACIA, D. “Fundamentos de la espiritualidad en la práctica clínica”. *En Primera Persona: Programa para la atención integral a personas con enfermedades avanzadas*, Madri, p. 6-7, Moutono 2011.
- KOENIG, H. G. *Medicina, religião e saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- HARDWIG, J. “Questões espirituais no fim da vida: um convite à discussão”. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 321-324, 2000.
- MAZZAROLO, I. “Religião e espiritualidade”. *REB*, Petrópolis, v. 74, n. 293, p. 103-120, 2014.
- PESSINI, L. “Bioética, espiritualidade e a arte de cuidar em saúde”. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 457-465, 2010.
- POTTER, V. R. “Science, religion must share quest for global survival”. *The Scientist*, Midland (Ontário), v. 8, n. 10, p. 12, 1994.
- PUCHALSKI, C.; ROMER, A. L. “Taking a spiritual history allows clinicians to understand patients more fully”. *Journal of Palliative Medicine*, v. 3, n. 1, p. 129-137, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1089/jpm.2000.3.129>>. Acesso em: 25 fev. 2016.
- SALLADAY, S. A.; SHELLEY, J. A. “Spirituality in nursing theory and practice: dilemmas for Christian bioethics”. *Christian Bioethics*, Oxford, v. 3, n. 1, p. 20-38, 1997.
- SOUZA, V. C. T.; PESSINI, L.; HOSSNE, W. S. “Bioética, religião, espiritualidade e a arte do cuidar na relação médico-paciente”. *Revista Bioethikos*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 181-190, 2012.
- VERCORS. *Nos confins do homem (os animais desnaturados)*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1956. p. 23.



O sentido da psicologia para a vida consagrada: considerações

Ênio Brito Pinto*

Quero refletir aqui sobre o que leva as pessoas de vida consagrada a procurar auxílio psicoterapêutico. Quero, neste artigo, mais do que fazer essas reflexões, ajudar na compreensão do papel da psicoterapia e, de maneira especial, ajudar as pessoas de vida consagrada católica a compreender melhor os possíveis alcances e os limites de um processo psicoterapêutico para que se torne efetivamente propiciador de atualizações, crescimentos e autodescobertas, seu fim último.

* Psicólogo (CRP 06/14.675) pela PUC/RJ, com especialização em Psicopedagogia pela Unip; mestre e doutor em Ciências da Religião pela PUC/SP, onde fez pós-doutorado em Psicologia Clínica. Além de gestalt-terapeuta, é professor e coordenador do Instituto Gestalt de São Paulo e professor convidado de diversos cursos de formação e especialização em Gestalt-terapia no Brasil. É membro do Instituto Terapêutico Acolher, especializado no atendimento psicoterapêutico aos religiosos católicos. Possui diversos artigos publicados nas áreas de psicoterapia, de sexualidade e de psicologia da religião. *E-mail:* eniobritopinto@uol.com.br

Para começar, quero deixar claro que, quando me refiro à psicoterapia, estou falando de um método de trabalho interpessoal fundamentado em teorias e técnicas desenvolvidas ao longo de muitos, muitos anos e reconhecidas academicamente, sempre renovadas por novas descobertas ou aprofundamentos. Independentemente de por qual via filosófica corra a psicoterapia, seja fenomenológica, psicanalítica, cognitivista, ela precisa dar um norte ao terapeuta no contato com seu cliente (ou paciente – a nomenclatura também depende da abordagem adotada pelo terapeuta). Isso implica reconhecer que toda psicoterapia coerente parte de uma consistente visão de ser humano e tem uma



proposição suficientemente abrangente do que seja uma existência saudável. É com base nesses critérios que o terapeuta vai cuidar da própria vida e ajudar seu cliente a cuidar da vida dele. Esses dados também fornecerão o reconhecimento acadêmico para a abordagem escolhida pelo terapeuta, fator imprescindível para a confiabilidade do trabalho executado.

Vamos agora olhar para o cliente: o que leva uma pessoa a procurar psicoterapia? Não é o fato de ter problemas, uma vez que a vida é cheia deles e as pessoas acabam dando conta das dificuldades que o existirem lhes impõe. Uma das coisas que levam pessoas a procurar psicoterapia, talvez a mais comum e importante, é a sensação – geralmente muito íntima – de que não se está vivendo com a plenitude que se poderia, ou seja, uma intuição de que o sofrimento perturbador atual pode ser um trampolim para um crescimento pessoal. Nem sempre isso é percebido conscientemente, de modo que o comum é a pessoa procurar terapia para tentar acabar com o sofrimento, aliviar-se dessa suposta incompetência, suprimir o sintoma. Em outros termos, podemos dizer que, embora a maioria das pessoas não perceba, o que leva à procura de um suporte psicoterápico é a necessidade inalienável que todos temos de crescer, desenvolver-nos, alcançar a melhor configuração possível para cada situação. Ainda em outros termos, e tentando ser mais sintético e prático, há três motivos básicos que levam pessoas a procurar psicoterapia. O primeiro, e mais comum, é uma dor existencial que aponta para a necessidade de mudanças difíceis, para que o desenvolvimento pessoal não fique estagnado; dor à qual se associa a consciência de que é preciso alguma ajuda especializada. Outro, geralmente de prognóstico

um pouco pior, é a obediência cega, ou seja, a pessoa que procura a terapia porque uma autoridade (um médico, um bispo, um provincial, um professor) recomendou ou ordenou que assim se fizesse. Quando a pessoa obedece cegamente por temer punições, poderá desenvolver basicamente três atitudes que praticamente inviabilizam a utilidade de qualquer processo psicoterapêutico: o cálculo de riscos, a resignação passiva ou a ampliação da má vontade. O terceiro motivo surge quando a pessoa aproveita a recomendação (ou, em alguns casos, especialmente na vida consagrada atual, a obrigatoriedade) para transformar a obediência em oportunidade de atualização e crescimento.

No caso das pessoas que procuram auxílio psicoterapêutico por perceberem a necessidade desse recurso e por confiarem que ele lhes poderá ser útil, temos um prognóstico bom para o início do trabalho – o desejo e a necessidade de mudanças estão mais próximos da consciência e são importantes motivadores para a aventura de autoconhecimento e de retomada do crescimento que constitui, em última análise, o processo psicoterapêutico (ou analítico – a nomenclatura depende da abordagem do terapeuta). No caso das pessoas que procuram a terapia por obediência, como vimos, temos duas possibilidades de prognóstico inicial, a depender de como a pessoa significa a entrada no processo psicoterapêutico.

Lembro-me de duas situações que vivi em terapia que ilustram estes segundo e terceiro caminhos. Certa vez me procurou um diácono dizendo que precisava fazer terapia porque seu bispo lhe dissera que só o ordenaria se ele fizesse um acompanhamento terapêutico; esse homem compareceu às sessões por alguns poucos meses, praticamente não faltou, mas em nenhum momento se

“Uma das coisas que levam pessoas a procurar psicoterapia é a sensação de que não se está vivendo com a plenitude que se poderia.”



expôs ou se dispôs a se conhecer mais e melhor, apesar de meus esforços. Para o bispo, ele estava fazendo terapia e, portanto, podia ser ordenado. Uma semana antes da ordenação, esse cliente me avisou que não voltaria mais, uma vez que seu objetivo já tinha sido alcançado, ou seja, seria ordenado padre. Aparentemente, fez terapia; na prática, só gastou seu tempo, meu tempo e o dinheiro da Igreja. Caso bem diferente aconteceu com uma religiosa que me procurou certa feita. Ela estava muito brava porque, tendo sido obrigada pela superiora a fazer terapia, achava que não precisava desse recurso naquele momento. Fizemos uma primeira sessão, e, já de início, ela me disse: “Ênio, minha questão é a seguinte: estou aqui porque minha superiora me obrigou a fazer terapia, mesmo contra a minha vontade neste momento. Como tenho que obedecer, então quero aproveitar essa oportunidade para compreender algumas coisas da minha vida e ver se, assim, me sinto ainda melhor sendo eu mesma”. Trabalhamos por alguns poucos meses, até que ela foi transferida para um local muito distante de São Paulo, inviabilizando os encontros semanais. Foi muito bonito ver como ela aproveitou os encontros terapêuticos para se atualizar e crescer, ampliando ainda mais seu autoconhecimento e sua autonomia.

O que diferencia esses dois casos? Basicamente, o sentido que a pessoa pôde dar ao processo terapêutico. Para um, a obediência foi apenas um meio para alcançar seu objetivo, a ordenação sacerdotal. Calculou os riscos e aparentemente fez psicoterapia. Para a outra, a obediência acabou transformada em oportunidade de revisão da própria vida e de reposicionamento ante questões existencialmente expressivas. O bispo do primeiro e a superiora da segunda não tinham possibilidade de ter controle sobre esse sentido dado pelos clientes – certamente ambos recomendaram a psicoterapia com

Paróquia missionária **Projeto de evangelização e missão** **paroquial na cidade**

Padre Humberto Robson de Carvalho



A Igreja Católica, por escolha de Jesus, nasceu missionária e desenvolveu-se no vigor da missão. Os apóstolos compreenderam essa escolha de Jesus e saíram em missão. O Papa Francisco sonha que o vigor da missão retorne, ou seja, que todos os agentes de pastoral tenham uma atitude constante de “saída”, para que as pessoas, até o momento distantes da comunidade, tenham a oportunidade de compartilhar da amizade com Jesus.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





a esperança de que ela gerasse crescimento e melhor posicionamento ante a vida e ante a vida religiosa. Não há como alguém ter esse tipo de controle. Não é eficaz a terapia como método corretivo, ou de ensino, ou mesmo de punição. A psicoterapia não é lugar em que se vá aprender sobre si, mas lugar em que se vai descobrir sobre si, e descobrir-se exige coragem ou dor, não obediência. A terapia não pode ser um dever, fruto de uma obediência cega; precisa ser uma escolha. Para tanto, o esclarecimento e a paciência são caminhos muito mais produtivos que a imposição quando se quer que alguém procure e faça mesmo uma psicoterapia.

Corolário disso, é importante que fique claro que não é papel – nem sequer é possibilidade! – do terapeuta convencer seu cliente ou futuro cliente da necessidade e da utilidade de uma terapia. O limite ético de um psicoterapeuta é discutir com seu potencial cliente os possíveis benefícios e as prováveis dificuldades de um processo psicoterapêutico naquele momento, de modo que a pessoa possa decidir da forma mais autônoma possível se quer ou não fazer terapia. O terapeuta ético não é um vendedor de seu trabalho, mas um profissional que conhece as possibilidades e limitações de seu instrumento e confia em sua utilidade nas situações em que ele é escolha pertinente.

Além disso, é preciso que se conheçam e se discutam com maior cuidado as indicações e os limites dos processos psicoterápicos. E é preciso também diferenciar a psicoterapia dos trabalhos preventivos que possam ser feitos como forma de dar suporte à saúde emocional das pessoas de vida consagrada, trabalhos que, embora terapêuticos, não são psicoterapia e, portanto, exigem ou-

tras posturas e outras formas de intervenção do psicólogo.

Quando tratamos de saúde em seu sentido mais lato, há, fundamentalmente, duas maneiras de promovê-la – por meio de intervenções preventivas e de intervenções curativas. A psicologia tem recursos para os dois caminhos, embora poucas pessoas estejam atentas para essa diferenciação. A

psicoterapia propriamente dita é uma intervenção mais curativa, na qual o aspecto preventivo vem *a posteriori*, como consequência do incremento da saúde emocional alcançado no tratamento. Com base na vivência de muitos processos psicoterapêuticos curativos, podemos hoje delinear, com boa dose de acerto, aspectos que, se tratados de forma preventiva, reduziriam a necessidade

de trabalhos curativos. Esse é o principal veio a ser explorado pelos psicólogos que prestam assessorias a seminários, casas de formação de religiosas e paróquias.

Embora ainda haja restrições em setores mais tradicionalistas, já vai longe o tempo em que psicólogos e outros profissionais de saúde não eram bem recebidos em seminários, casas de formação, congregações e dioceses. Hoje já há um espaço aberto para que esses profissionais possam atuar como auxiliares na formação pessoal dos presbíteros e das demais pessoas de vida consagrada, numa perspectiva de promoção preventiva da saúde como um todo e da saúde emocional em especial. Ainda não temos conhecimento e diálogo suficientes para delinear, com a necessária segurança, o papel e a forma de atuação dos psicólogos ante os religiosos nesse aspecto preventivo, mas já há muita vivência – algumas com sucesso e outras com erros que precisam ser corrigidos – que pode e deve ser compartilhada para que se delineiem, com

“O terapeuta ético não é um vendedor de seu trabalho, mas um profissional que conhece as possibilidades e limitações de seu instrumento.”



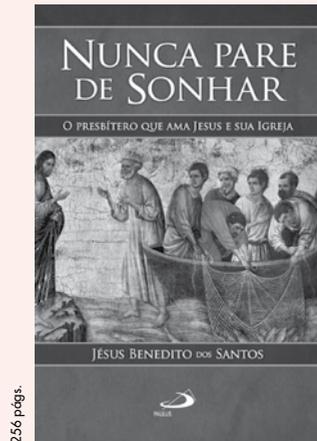
maior clareza, as melhores maneiras de atuação do profissional psicólogo ante as pessoas de vida consagrada. A produção acadêmica sobre esse campo ainda é menor do que o desejável, mas tem crescido significativamente e com qualidade.

Em artigo publicado recentemente (PINTO, 2013), mostrei alguns aspectos do olhar gestáltico para a questão da saúde emocional entre as pessoas de vida consagrada, dentre os quais destaquei cinco como os mais importantes do ponto de vista psicoterapêutico: como a pessoa lida com as relações; com a temporalidade (o tempo vivido); com a corporeidade (o corpo vivido) e com a espacialidade (espaço vivido); como lida com a conscientização e a valoração; com a vida afetiva e a sexualidade. Em minha prática clínica, estes são pontos que percebo como mais comumente presentes nas queixas que trazem para a terapia as pessoas de vida consagrada. Por questão de espaço, vou comentar sucintamente três deles, na esperança de que estas reflexões provoquem atuações terapêuticas preventivas de colegas e de pessoas de vida religiosa, além de incentivar aqueles que necessitam a procurar uma psicoterapia. O que diz respeito à conscientização e à valoração ficará para um artigo exclusivo sobre esse tema. As questões ligadas à sexualidade em terapia, já comentei em outros artigos nesta mesma revista e em outros textos.

Seguramente, nestes anos em que atendi pessoas de vida consagrada, as questões relacionais foram o motivo mais comum do pedido de ajuda. Respeitadas as exceções de praxe, de maneira geral a vida religiosa ainda precisa desenvolver, para boa relação interpessoal, algumas atitudes fundamentais, cuja falta acaba por ferir as pessoas que são mais sensíveis ou passam por períodos de maior sensibilidade ou mesmo susceptibilidade. Há dois lados que comentarei rapidamente, no que diz respeito a essas atitudes

Nunca pare de sonhar **O presbítero que ama Jesus** **e sua Igreja**

Jésus Benedito dos Santos



João XXIII pedia pelo surgimento de homens sábios, que fossem capazes de iluminar, com a luz de Cristo, as descobertas do mundo moderno. Este livro é um convite a todo cristão católico a continuar sonhando o sonho do Concílio Vaticano II, em um trabalho para colocar o mundo moderno diante do Evangelho de Cristo. No espírito do Concílio Vaticano II, o presbítero deve ser, no meio da humanidade, uma centelha de luz a direcionar o caminho para Deus. Para isso, não basta gostar de ser presbítero, é preciso amar e viver como presbítero, amando Jesus e sua Igreja.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





fundamentais: o lado da instituição e o lado da pessoa que sofre. Do lado da instituição, a mais importante dessas atitudes, à qual já me referi em artigo anterior (PINTO, 2009), diz respeito ao fato de que não se deve tratar de modo igual os desiguais – máxima do direito que cabe perfeitamente em todas as áreas da vida. Grande parte dos sofrimentos causados pela tentativa de tratar os desiguais de modo igual, tão comum à vida consagrada, deve-se a uma falta de atenção àquilo que os moralistas chamam de epiqueia, a capacidade de cumprir o sentido da lei sem necessariamente cumprir sua letra. Pressionadas entre o desejo de participação e de pertinência na vida religiosa e a impossibilidade de compreender o que lhes é exigido, muitas pessoas entram em atroz sofrimento por tentarem ser o que não são. Seguramente, se fossem escutadas com maior empatia e calma, com maior companheirismo e humildade, com mais ouvidos que boca, enfim, com maior compaixão, essas pessoas mais sensíveis poderiam compreender melhor os limites e as necessidades da vida religiosa. Ao lado disso, o encobrimento dissimulado que se costuma fazer das competitividades presentes entre muitas pessoas de vida religiosa também é outro aspecto danoso provocado pela instituição nas convivências.

Do lado da pessoa religiosa – e talvez esta seja uma das melhores finalidades do trabalho preventivo dos psicólogos nas casas de formação –, a busca do desenvolvimento da curiosidade (o desejo de saber) e a busca da congruência e da coerência poderiam facilitar a lida não patológica com as dificuldades relacionais. É preciso não nos esquecer de que o amadurecimento não se dá apenas pela passagem pelo tempo, mas depende de como

“É preciso não nos esquecer de que o amadurecimento não se dá apenas pela passagem pelo tempo, mas depende de como passamos pelo tempo.”

passamos pelo tempo. Por fim, no que diz respeito tanto à instituição quanto à pessoa que vive nela, conflitos são inevitáveis quando pessoas se juntam – e até desejáveis quando há um clima de respeito (verdadeiro) e a possibilidade de convivência com divergências, além da sabedoria de não tomar a parte pelo todo, ou seja, de não rejeitar o outro quando se quer rejeitar alguma ideia dele.

Adendo importante: essas dificuldades de relacionamento acontecem entre pessoas de vida consagrada, e também entre elas e leigos com quem convivem; por exemplo, numa paróquia.

Como ilustração para esse tópico das relações, lembro-me de um trabalho muito breve que fiz com um padre que me procurou porque sofria e se sentia angustiado com o fato de acreditar que os confrades não compreendiam nem aceitavam seu desejo

de se tornar diocesano. Ele vivia um impasse importante; era muito forte o impulso para mudar, a ponto de ser vivido mesmo como importante projeto existencial. Ao mesmo tempo, era igualmente forte o desejo de ser leal aos confrades da congregação. Depois de algumas poucas sessões, ele conseguiu desenvolver uma atitude menos belicosa para com seus confrades e encontrou a coragem para falar direta e explicitamente sobre seu sonho com os que lhe eram mais significativos. Acabou por descobrir que o que ele via como oposição era cuidado: os mais próximos não se opunham a que ele deixasse a congregação, mas temiam que ainda não tivesse avaliado bem a situação. Depois de boas conversas com esses confrades, ele deixou a terapia, pois se sentia bem e com confiança para tomar em breve a melhor decisão acerca de como continuar sua vida sacerdotal. Eu nunca soube se ele permaneceu na congregação ou migrou para a diocese.

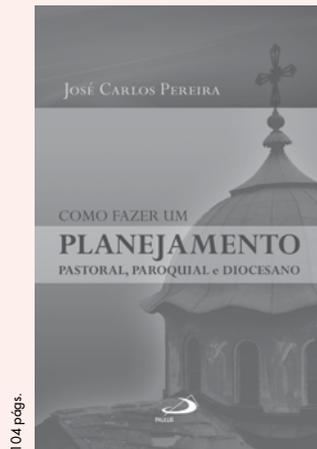


Na questão da temporalidade, há algo que observo em meu consultório que é muito peculiar às pessoas de vida consagrada: dificilmente se atrasam; pelo contrário, é muito mais comum chegarem antes da hora aprazada, não raro muito antes. Esse é um dos muitos indicativos de que há, entre as pessoas de vida religiosa que conheci, um diapasão maior de ansiedade que entre as pessoas leigas. Não custa lembrar que, como bem disse Fritz Perls (1979, p. 153), a ansiedade é uma “tensão entre o agora e o depois”, uma tensão bastante comum entre as pessoas de vida religiosa. Será mesmo possível generalizar essa minha observação, isto é, será que há mesmo esse diapasão maior de ansiedade de maneira geral na vida consagrada? Se sim, por que ocorre isso? O que haverá na formação das pessoas de vida consagrada católica que põe tantas delas em permanente alerta, tão atentas ao depois, que muitas vezes perdem o presente? Talvez esse seja um dos pontos da saúde emocional que mais precisam de atenção dos profissionais da área “psi”, por ser ainda tão pouco explorado.

No que diz respeito à corporeidade, é visível e maior que o desejável, entre muitas pessoas religiosas, certa falta de atenção e de cuidado para com o corpo. Vou comentar com dois aspectos que mais aparecem em psicoterapia. O primeiro e mais importante, a questão do ritmo: saúde é ritmo, movimento harmonioso e situacional entre contato externo e contato interno, entre vigília e sono, entre trabalho e repouso, entre fome e saciedade, entre tocar e ser tocado, entre ocupar espaço e recolher-se. Um ritmo baseado na espontaneidade, ou seja, uma possibilidade da aceitação e da vivência atenta do corpo, o que acarreta a percepção do direito de viver os limites e os gozos corporais a cada momento. Uma das primeiras e mais terapêuticas descobertas que as pessoas costumam fazer em terapia é a possibilidade de lidar criativamente com os ritmos corporais:

Como fazer um planejamento pastoral, paroquial e diocesano

José Carlos Pereira



A grande demanda da Igreja hoje é para a renovação das estruturas de nossas paróquias, de modo a passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária, mais acolhedora e fraterna, formando verdadeiras comunidades, resultado de conversão e de bom planejamento pastoral. No entanto, muitos padres e bispos esbarram na dificuldade de fazer tal planejamento em suas dioceses e paróquias, por falta de indicações precisas, pontuais e atuais para esse empreendimento pastoral. A proposta deste livro é ajudar dioceses e paróquias, com indicações práticas, a elaborar o seu planejamento pastoral.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





respirar sem sofreguidão; falar em harmonia com a respiração; sentir a pele como órgão por excelência de contato, que se delicia com a temperatura agradável e pede agasalho com o frio; ouvir até as entrelinhas; saborear lentamente cada tempero da comida; olhar para ver; permitir os gestos graciosos, especialmente os amorosos; ocupar o espaço devido, seja com os gestos, seja com a voz; sentir o coração pulsar com o ritmo do momento, ora vibrante e forte, ora em confortável embalo.

O oposto disso, a forma mais patológica de vivenciar o próprio corpo, é a sujeição dele à vontade. Na vida religiosa isso aparece especialmente (mas não somente) por meio de um ritmo insano de trabalho, quase como se o descanso tivesse se tornado

imperdoável pecado. Sempre me impressionou como tantas pessoas religiosas católicas trabalham insanamente! Não é à toa que temos cada vez mais trabalhos teóricos sobre a síndrome de *burnout* voltados para essa população. Uma das descobertas mais transformadoras que tenho testemunhado em terapia é óbvia: um bom ritmo entre trabalho e descanso torna o trabalho mais útil, eficaz e belo. Ou, em outros termos, é melhor fazer o possível (ainda que difícil), e sorrir de satisfação depois, do que tentar o impossível e ter interminável em si o sentimento de frustração.

Então, é hora de, com ritmo e graça, fechar por ora este diálogo e repousar o texto em algum lugar para que ele reverbere e decante o que nele é útil. ●

“Um bom ritmo entre trabalho e descanso torna o trabalho mais útil, eficaz e belo.”

Bibliografia

- PERLS, F. S. *Escarafunchando Fritz: Dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus, 1979.
- PINTO, E. B. “Formação e Personalidade: Conceitos e orientações”. *Espaços – Revista Semestral de Teologia do ITESP*. São Paulo, ano 17, v. 1, p. 61-76, 2009
- _____. “Reflexões sobre a psicoterapia para pessoas de vida consagrada”. *Revista Paróquias & Casas Religiosas*, Aparecida, ano 7, n. 40, p. 24-29, fev. 2013.
- _____. “A saúde existencial e a pessoa religiosa – algumas reflexões”. *Revista Convergência-CRB*, p. 292-312, maio 2014.

Conversão Pastoral Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial

José Carlos Pereira

Em 2014, a CNBB lançou o Documento 100, “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”, que propõe uma conversão na Igreja, para que as paróquias e dioceses concentrem-se na comunidade em torno delas. Este livro mergulha no Documento 100, a fim de extrair dele os procedimentos básicos para que essa conversão aconteça e renove as nossas paróquias, transformando-as numa Comunidade de comunidades. (72 páginas)



PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



Resiliência e espiritualidade: padre Tiago Alberione, um profeta resiliente

Francisco Galvão*

A realidade do sofrimento é parte integrante da condição humana. A própria experiência comprova que toda criatura sofre, de diversas maneiras e circunstâncias, ao longo de sua existência terrena. Contudo, a dor e o sofrimento não possuem a última palavra, não para aquele que descobriu o dom de transcender a si próprio e transformar o sofrimento em verdadeira fonte de crescimento e sentido.

Noviço paulino, é bacharel em Teologia pela Faculdade São Bento de São Paulo. Integrou a equipe de redatores das Novenas de Natal e Pentecostes 2015 e organizou o livro *Viver o amor – pensamentos do papa Francisco*, pela Paulus. É autor do livro infantojuvenil *Jonas – sonhos e descobertas*, pela ação social da Paulus. E-mail: galvaoce@hotmail.com

Introdução

Trata-se aqui da realidade do sofrimento na vida do bem-aventurado Tiago Alberione,¹ considerando o aspecto da resiliência e da espiritualidade. Sua extraordinária capacidade de “divinizar” o sofrimento e encontrar sentido mesmo diante das maiores provações fizeram dele um comunicador admirável. Para o padre Alberione, “saber sofrer é a arte mais importante da vida”. E nessa arte ele foi, com certeza, um aprendiz extraordinário! Ademais, a abordagem do conceito de resiliência aqui apresentada tem profunda relação com a espiritualidade, visto que esta constitui a mais importante das características da pessoa resiliente e a que mais incide em resultados favoráveis para o manejo da adversidade (LACAYO, 2007).

A Resiliência

A temática da resiliência, enquanto realidade conceitual, é relativamente nova.

1 Fundador da Congregação dos Paulinos e da Família Paulina.



Contudo, enquanto realidade humana, é possível que seja tão antiga quanto a própria humanidade. É provável que o fenômeno da resiliência exista desde os primórdios da existência do homem, ainda que não tivesse sido denominada nos moldes como hoje a conhecemos (VANISTENDAEL, 1999, p. 5).

As primeiras publicações sobre o assunto aparecem no final dos anos 1980, nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, os estudos começaram no final dos anos 1990. A temática foi ganhando progressivo destaque internacional, no campo da observação e da pesquisa, e foi sendo cada vez mais investigada no âmbito das ciências da saúde e das ciências humanas, entre outras, o que favorece um olhar multidisciplinar. Contudo, até o presente, há poucos trabalhos na área da teologia (ROCCA, 2013, p. 19).

O termo resiliência tem sua origem no latim *resiliens, resilientis*, do verbo *resilio-resilire*, que significa saltar para trás, ser impelido, recuar, retornar a um estado anterior, ou ainda, a capacidade de se recobrar ou de se adaptar à má sorte, a mudanças. O conceito vem sendo utilizado há bastante tempo pela física e pela engenharia para classificar a elasticidade e o poder de resistência dos materiais. “Quando um material resiste a um impacto, deformando-se pouco ou nada, ele é considerado rígido” (AMARAL, 2002). Mais tarde, a psicologia passa a utilizar o conceito de resiliência para referir-se à capacidade que os seres humanos têm de superar traumas, perdas e grandes sofrimentos.

As dores de Alberione

Quando começamos a estudar Alberione, uma das primeiras perguntas que nos vêm é esta: como uma alma tão sofrida conseguiu empreender projetos tão grandiosos? De fato, ele tinha tudo para desistir de seus ideais. To-

davia, escolheu continuar sua busca. Só quem não caminha, dizia Alberione, não precisa perguntar a direção do caminho. Não obstante os inúmeros desafios e os inevitáveis fracassos da caminhada, ele jamais recuou diante das dificuldades, pois soube em quem depositar sua confiança.

Padre Alberione foi um grande comunicador. Mas também foi um grande sofredor. Em certo sentido, foi um sofredor silencioso. Nunca foi de fazer alarde quanto às suas dores e doenças. Recolhia-se, constantemente, em seu mundo interior, a fim de compreender mais plenamente suas dores e a vontade do Mestre. O grande dever da alma religiosa, diz Thomas Merton (2003), é sofrer em silêncio, pois algumas vezes não há explicação suficiente para justificar o sofrimento.

Padre Alberione exerceu o apostolado do sofrimento, sem jamais se lamentar ou murmurar. Ao contrário, soube transformar o amargo fel do sofrimento em doçura e profunda gratidão a Deus. Especialmente no fim da vida, sem poder mais trabalhar nem presidir a eucaristia, diz-se que Alberione ficava horas e horas ajoelhado ao pé da cama a rezar pela fecundidade do apostolado paulino. Adolphe Tanquerey (2014), certamente um dos autores mais apreciados por padre Alberione, dizia que o apostolado do sofrimento é, de todos, o mais fecundo.

A infância sofrida e pobre de Alberione, o contexto de guerras de sua época, as calúnias, perseguições, a morte posterior de sua querida mãe e de alguns colaboradores da missão, os inúmeros sofrimentos físicos e espirituais... tudo isso, na ótica da resiliência, funciona como fatores de risco que têm grande influência no desenvolvimento da pessoa que sofre. Perante tais acontecimentos, a vítima é desafiada a ser forte e resiliente, adotando uma postura interior que aaju-

“Só quem não caminha, não precisa perguntar a direção do caminho”.



de não apenas a suportar o sofrimento, mas ressignificá-lo à luz de nova perspectiva de vida e de futuro.

A fortaleza de Alberione perante a doença

Alberione teve sempre uma saúde muito frágil e inconstante, de modo que foi batizado logo no dia seguinte a seu nascimento, pois os pais, percebendo sua fragilidade física, temiam não ver o filho por muito tempo. Da juventude à velhice, sofreu de terríveis dores. Depois de sua morte, conforme descrito pelo quinto teólogo para a causa de beatificação (*Relatio et Vota*), as dores de Alberione puderam ser analisadas com certa profundidade. Concluiu-se que a história dos seus sofrimentos físicos era terrificante. Em 1914, manifestou-se pela primeira vez forte dor na coluna vertebral. Ao médico, disse mais tarde: “Este é um dom que o Senhor fez a mim com a fundação e o levarei até a morte” (*Summ.*, p. 606, § 1102). Tal afirmação deixa clara a relação “amorosa” que Alberione havia estabelecido com a dor, a ponto de classificá-la não como um mal, mas como um dom especial concedido por Deus, um caminho de ascese e santificação.

Às vezes, está nos desígnios de Deus enviar-nos a doença. Esta, quando santamente vivida, oferece as mais preciosas vantagens do ponto de vista sobrenatural. A doença é a pedra de toque que mostra o valor da virtude de uma alma; se o doente a suporta sem queixa, sem inquietude, inteiramente resignado à vontade de Deus, é um sinal de que possui uma virtude bem fundamentada (TANQUEREY, 2014, p. 107).

Com o tempo, as fortes dores na coluna só aumentavam, mas Alberione jamais se deixou vencer por elas. Rezava sempre com elevada entrega e intensidade. Os médicos que

o acompanhavam ficavam admirados com sua forte resistência à dor e ao sofrimento. Em 1923 adoeceu gravemente de tuberculose com abundantes hemoptises, mas, após um mês de descanso, pôde retomar seu trabalho; o médico que o assistia disse que lhe havia dado seis meses de vida (*Summ.*, p. 567, § 1007). Contrariando totalmente o diagnóstico, Alberione viveria mais 48 anos.

Em meados de 1949, padre Alberione sofreu de varizes no esôfago com grandes hemorragias e, em consequência das transfusões de sangue, sofreu por mais ou menos um ano de hepatite viral. Somente após 1962, submetido a um exame da coluna vertebral, descobriram nela escoliose e cifose (curvatura da coluna vertebral com corcova) tão acentuadas a ponto de estremecer os radiologistas e ortopedistas, os quais não conseguiam explicar como ele havia suportado dor tão atroz. Os médicos explicavam que a dor da escoliose pode variar numa escala que vai de 1 (sem dor) a 10 (dor gravemente incapacitante). No caso do padre Alberione, que tinha a coluna em forma de “Z”, segundo os especialistas, a dor se enquadrava no número 9 da escala, ou seja, quase no limite de suas forças físicas.

Não obstante as doenças e incômodos, Alberione seguia, alegre e serenamente, os passos do Mestre. Parecia convicto das motivadoras e desconcertantes palavras do próprio Cristo: “Neste mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem; eu venci o mundo” (Jo 16,33). Graças à sua profunda intimidade com o Mestre Divino, seu grau de aceitação da dor e do sofrimento era elevadíssimo. Para seguir Jesus e amá-lo, afirma Tanquerey (2014), é preciso tomar a sua cruz, aceitar o sofrimento, as privações, as humilhações, as doenças, as enfermidades, os reverses da sorte, numa palavra, todas as cruces providenciais que Deus nos envia para provar-nos, fortalecer-nos na virtude e facilitar a expiação de nossas faltas.



Alberione e a loucura da cruz

Como não seria honesto falar de Paulo Apóstolo sem levar em conta a experiência da cruz, em Alberione acontece a mesma coisa, pois, para ele, “sofrer pela cruz de Cristo é motivo de glória”. As cartas de Paulo foram, certamente, a grande fonte inspiradora de Alberione. Nessa fonte ele encontrou fundamento e consolo espiritual para compreender e aceitar sua pesada cruz. Os escritos de Alberione estão cheios de referências ao Apóstolo, sobretudo no que se refere à dor e ao sofrimento. “Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo” (2Cor 1,5); somos “coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, com ele seremos glorificados” (Rm 8,17); “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8,18); “Agora eu me alegro de sofrer por vocês, pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor do seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1,24).

O modo como padre Alberione compreendia o tema da cruz estava intimamente relacionado com o pensamento do Apóstolo, que dizia com muita convicção: “Estou crucificado com Cristo” (Gl 2,19); “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gl 6,14). Alberione costumava repetir em suas pregações que “Jesus remiu-nos com a sua cruz; agora cabe a nós remir o mundo com a nossa cruz. A cruz é a chave de ouro que abre para nós o céu. Toda a virtude e toda a graça vêm da cruz”.

A vida de Alberione, assim como a do Apóstolo, foi um constante sofrer com Cristo pelas almas. Sua prece era uma só: “Mestre divino, associai-me à vossa Paixão. Mestre divino, que com o sofrimento e a prece eu socorra a todos os filhos espirituais. Mestre divino, que eu padeça quanto devo para que cresça a semente espalhada”. Nesse sentido, afirma Van Thuan (2000, p. 143): se você se unir à Paixão de Jesus, não

só encontrará ajuda para ser corajoso e paciente, mas o seu sofrimento terá um grande valor de redenção.

Para o seguimento de Jesus, é necessário, portanto, carregar a cruz. “Se alguém quer me seguir, renuncie si mesmo, tome a sua cruz e me siga” (Mt 16,24). Para padre Alberione, a cruz de Cristo foi como que um escudo de proteção; e ele carregou a sua com

heroica aceitação, serenidade e alegria. Ele acreditava que, “ao abraçarmos com alegria a cruz de Cristo, tornamo-nos protegidos contra os inimigos. Quem não é forte a ponto de suportar com paz e amor uma cruz, quem não possui a força para vencer uma dificuldade, quem não persevera e, caído, não volta à ação, não pode apropriar-se do céu, porque este é alto e, portanto, é necessário subir os montes da penitência, das cruzes do Calvário, para poder chegar lá”.

A autotranscendência e o sentido do sofrimento

Transcender a si próprio é a essência mesma do existir humano. Nesse sentido, Alberione soube realizar, com maestria, a experiência da autotranscendência, ou seja, soube dirigir sua vida para grandes ideais. Foi alguém profundamente sensível às mudanças internas e externas, sempre voltado à realidade transcendente, sem jamais perder o chão e o equilíbrio. Foi um homem de alma nobre e

“O modo como padre Alberione compreendia o tema da cruz estava intimamente relacionado com o pensamento do Apóstolo Paulo.”



de profundo desprendimento. Tais realidades fizeram dele um verdadeiro visionário, um sonhador incansável.

As pessoas têm o suficiente com o que viver, afirma Frankl (2008), mas nada por que viver; têm os meios, mas não o sentido. Olhando para a história de Alberione, é fácil perceber o sentido que ele deu a cada experiência vivida, também ao sofrimento. Para ele, sofrer é olhar sempre adiante, ir além da dificuldade presente. Seguir em frente com confiança e fé. É um exercício diário. “Saber sofrer é verdadeira arte, aliás, a arte mais importante da vida. É preciso aprendê-la e praticá-la. Com efeito, essa arte se aperfeiçoa praticando-a, do mesmo modo que as outras artes, como a música, a pintura etc. Temos de partir do mais fácil ao mais difícil; do pequeno ao grande. Nisso consiste a utilidade dos pequenos sofrimentos”. Padre Alberione costumava dizer que, diante das chuvas e tempestades, é preciso “passar entre uma gota e outra sem se molhar”. Foi exatamente o que ele fez durante toda a vida. Assumiu suas dores como uma via, de certo modo, necessária à própria santificação. Mas não só! Certamente, o seu heroísmo apontou a muitas almas o caminho de santidade devido a todo o povo de Deus (cf. *Lumen Gentium*, n. 39).

Os santos, de modo geral, foram pessoas que sofreram muito; não um sofrimento egoísta com tendência ao masoquismo, mas um profundamente fecundo. Embora muitos deles tivessem verdadeira veneração pelo sofrimento – como o próprio Alberione dizia, “as cruzes são mais valiosas se forem mais pesadas” –, eles souberam dar sentido a todas as provações e dificuldades da caminhada, sempre em vista de um ideal coletivo capaz de transcender e ressignificar a própria existência. Os santos são, em realidade, os sofrendores mais alegres da face da terra. “Milhões de santos, caminhando nas pegadas do Mestre, sofreram e sofrem com ale-

gria” (TANQUEREY, 2014). Aqueles que o conheceram testemunham que padre Alberione tinha um olhar que sabia sorrir. Comunicava-se mais pelo silêncio que pelas palavras. Tinha um olhar tão profundo, que cativava a todos. Sua alegria era incomum, isenta de qualquer barulho e euforia. Era uma alegria serena, discreta e envolvente. Ele era um sofrendor alegre. Tudo isso fruto de seu contentamento interior. Somente alguém que se deixa afeiçoar pela cruz de Cristo e que faz as pazes com o próprio sofrimento aprende a sorrir e a comunicar com os olhos.

Para Alberione, o real sentido da existência está em sofrer com Cristo pelas almas. O amor a Cristo comporta, naturalmente, a exigência do amor ao semelhante. “Penso em Jesus Cristo, amo em Jesus Cristo, quero em Jesus Cristo”, afirmava ele com muita convicção. Alberione ensinava que, para descobrir o sentido profundo do sofrimento, seguindo a Palavra de Deus revelada, é preciso abrir-se amplamente ao sujeito humano com as suas múltiplas potencialidades. “Sofrer em Cristo, para cumprir a paixão de Jesus Cristo; e na Igreja, para a salvação das almas, de todas as almas”. Eis o sentido que Alberione encontrou para o sofrimento: o amor a Deus, o amor aos irmãos. Para ele, “o apóstolo tem um coração aceso de amor a Deus e aos homens”. Foi esse amor que o fez ir além do sofrimento e dos próprios limites. “O amor é ainda a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento. Esta resposta foi dada por Deus ao homem na cruz de Jesus Cristo” (*Salvifici Doloris*, n. 13).

Não obstante as doenças, dores e sofrimentos, padre Alberione soube escolher a melhor parte: entregou tudo ao Mestre Jesus. Escolheu sofrer com aquele que, sendo “um com o Pai” (cf. Jo 10,30), superou toda espécie de sofrimento e venceu a própria morte, morte de cruz.



Mística e espiritualidade como pilares de resiliência em Alberione

Perante as adversidades e provações da vida, muitas pessoas – mesmo aquelas que se dizem pessoas de fé – não sabem como agir ou o que fazer para sair delas revigoradas ou transformadas. Segundo Lacayo (2007), talvez as perdas, crises e desafios tenham como propósito ajudar-nos a descobrir a verdadeira resiliência de nossa interioridade.

Falar de sofrimento e resiliência em Alberione só é possível quando levamos em conta a totalidade de sua vida interior e, por que não dizer, a sua “mística do sofrimento”. Em Alberione, uma coisa nos é apresentada com bastante clareza: sem Deus, ou seja, sem a graça divina, nenhum projeto humano pode tornar-se fecundo. “Sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). Desse modo, podemos afirmar que, se não fosse sua vida ascética e sua profunda intimidade com o Mestre, ele dificilmente teria superado com tanto êxito os sofrimentos que a vida lhe reservou. E foram tantos!

Sabemos que Alberione não deixou nenhum tratado sobre mística ou vida interior; no entanto, seu maior legado espiritual está impresso em sua própria história. E seria no mínimo insensato de nossa parte falar de seu sofrimento sem considerar a realidade misteriosa que o levou a transcendê-lo. Uma coisa, portanto, parece-nos bastante clara: se podemos falar de um Alberione resiliente, temos de, primeiramente, ir em busca do Alberione místico. Como diz Karl Rahner (*apud* TUOTI, 1998, p. 25), o misticismo ocorre dentro da estrutura das graças normais e, portanto, não se limita a poucos privilegiados.

Alberione foi um homem de contemplação e ação. Soube conciliar perfeitamente vida interior e vida prática. Foi, sobretudo,

a vida mística que fez de Alberione verdadeiro visionário no campo da comunicação, um homem à frente do seu tempo. Conforme afirma o *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil* (n. 99), “comunicar, rezar e viver integram-se, formando um todo tanto no estilo e na elaboração da mensagem quanto na forma de comunicar. A mística do comunicador está relacionada com seu processo criativo, sua busca por informações, seu modo de interpretar os fatos, de inovar a linguagem e buscar outros estilos de comunicar. O comunicador é um místico, e o místico é um comunicador”.

Na perspectiva da resiliência, podemos dizer que há, na história do padre Alberione, vários fatos e acontecimentos que atestam sua capacidade de ressignificação perante a dor e o sofrimento, entre os quais a sua suposta “demissão” do seminário. Entre os 7 e 8 anos de idade, ele já afirmava que queria ser padre. Quando concluiu o ensino fundamental, ingressou, então, no seminário menor da cidade de Bra, Itália, onde prosseguiu os estudos por alguns anos. Entretanto, sua caminhada foi interrompida, não se sabe ao certo por que razões. Spoletini diz que sua saída deveu-se a uma profunda crise; outros, no entanto, afirmam que fora demitido do seminário devido a mau comportamento e más influências. “Em 1900, a 7 de abril, Tiago foi demitido do seminário. A diretoria alegou que ele não tinha vocação; Julgamento que a história comprovará bastante precipitado. Fato é que houve um rompimento inesperado e bastante difícil para o jovem Tiago. Ante tal realidade, dois caminhos despontavam à sua frente: desistir de seu grande sonho ou recomeçar e tentar novamente. O silêncio, a oração e o apoio social tiveram papel fundamental na decisão do jovem Tiago perante o desafio de continuar sua busca.

“O amor é a fonte mais plena para a resposta à pergunta acerca do sentido do sofrimento.”



Para a resiliência existem alguns fatores de proteção que são indispensáveis nos momentos de crise ou desespero; entre eles figuram a aceitação incondicional e o apoio social. Rocca (2013, p. 30) explica que os autores concordam em reconhecer a importância de que, na situação dolorosa, adversa ou traumática, a pessoa (criança, jovem ou adulto) possa se sentir acolhida e aceita incondicionalmente.

Rolfo (1975) narra um fato bastante curioso em relação à aceitação incondicional por parte do irmão de Tiago. Certo dia, o jovem Tiago estava meio tristonho e pensativo, sentado na calçada de casa, quando sua mãe, atribuindo tal atitude a pura preguiça, mandou que ele fosse com os outros trabalhar na lavoura ou se pusesse a estudar seriamente. João Luís, o irmão que tinha assistido à cena, chamou-o a sós e lhe falou cordialmente: “Tiago, vá estudar e não se preocupe com os trabalhos no campo. Você é muito fraco. Eu vou me esforçar mais e dar um jeito para ninguém notar que você não está trabalhando”. Atitudes como essa, segundo estudiosos da resiliência, são basilares para que a pessoa “fragilizada” recobre a autoestima e retome suas metas com maior fé e entusiasmo. Foi graças ao amor incondicional do Divino Mestre, ao apoio familiar e também de “amigos” que o jovem Tiago conseguiu reunir força e ânimo para perseguir seus ideais.

Após sua saída do seminário de Bra, Tiago passou mais ou menos seis meses com os pais até ingressar em outro seminário; segundo Rolfo, esse período foi para ele, com certeza, muito melancólico. Em seu diário juvenil, Tiago irá recordar suas experiências de sofrimento e angústia: “E agora tenho dezoito anos... as decepções vieram uma após a outra, um abismo após o outro... mas a graça de Deus e Maria me salvaram. E agora, agora tenho vontade de viver... Parece-me que sou ainda forte para

viver muito tempo. Que mistério é o coração do homem!” Eis uma experiência clara de resiliência aliada à fé e à espiritualidade. Esse “agora tenho vontade de viver” e “sou ainda forte para viver muito tempo” brotam de um coração que cruzou decepções e abismos, angústia e solidão.

Alberione costumava dizer que “ninguém sofrerá mais do que aquele que não quer sofrer”. Para ele, o sofrimento era uma realidade inevitável, porém aquele que aprende a sofrer com o Mestre jamais fugirá às suas lutas; ao contrário, transformará as adversidades em fonte de verdadeiro crescimento e maturidade. O segredo é não fugir à dor, mas acolhê-la corajosamente. Afirma a encíclica *Spe Salvi* (n. 37), de Bento XVI: “não é evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido por meio da união com Cristo, que sofreu com infinito amor.”

Considerações finais

Visitar a história do bem-aventurado Tiago Alberione pela ótica da resiliência possibilitou-nos descobertas fascinantes, sobretudo no que concerne à sua capacidade interior de dar sentido a todo sofrimento vivido. Sua capacidade de resiliência, como dissemos, está profundamente ligada à mística do sofrimento. Foi graças à intensa vida interior que Alberione descobriu o verdadeiro sentido de sua existência. Alberione foi resiliente porque soube perscrutar a própria alma, como fez o apóstolo Paulo, a ponto de afirmar: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). A intenção profunda de toda religiosidade, afirma Lacayo (2007), é favorecer nosso caminho para o desenvolvimento espiritual. Em certo sentido, a resiliência é uma maneira de descobrir o potencial espiritual que sempre pode gerar reações favoráveis ao pensamento e à conduta humana.



A vida e a história do padre Tiago Alberione (e de tantos outros “santos”) evidenciam que espiritualidade e resiliência são realidades intrínsecas a todo ser humano e, por isso mesmo, não devem ser concebidas separadamente. São duas faces de uma mesma moeda. A ausência de uma enfraquece o poder da outra. É por meio da busca interior que o ser humano, perdido no abismo de sua dor e da falta

“A pessoa espiritual não somente resiste às adversidades da vida, mas aprende a resignificá-las por meio do amor transcendente.”

de horizonte, reencontra a luz para seguir o seu caminho. Desse modo, a pessoa espiritual não somente resiste às peripécias e adversidades da vida, mas aprende a resignificá-las por meio do Amor transcendente. Resiliência e espiritualidade são, portanto, a via mais segura de elevação e superação do sofrimento humano, sem a qual o homem é incapaz de compreender o real sentido de sua existência. ●

Bibliografia

- ALBERIONE, T. *Caminhar para onde?*. São Paulo: Paulus, 2000.
- AMARAL, O. C. *Curso básico de resistência dos materiais*. Belo Horizonte: Artes Gráficas Formato, 2002.
- BENTO XVI. *Spe Salvi*: carta encíclica sobre a esperança cristã. Vaticano, 2007.
- CHEQUINI, M. C. M. A relevância da espiritualidade no processo de resiliência. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 16, n. 1 e n. 2, p. 93-117, 2007.
- DRANE, J. F. *Alívio para o sofrimento e a depressão*. São Paulo: Paulus, 2014.
- FRANKL, V. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*: carta apostólica sobre o sofrimento humano. Vaticano, 1984.
- LACAYO, R. A. R. *Saber crecer: resiliencia y espiritualidad*. Espanha: Urano, 2007.
- MERTON, T. *Homem algum é uma ilha*. Rio de Janeiro: Verus, 2003.
- _____. *Na liberdade da solidão*. São Paulo: Vozes, 2014.
- NOUWEN, H. J. M. *Crescer: os três movimentos da vida espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- ORTEGA, J. G.; MIRAVALLES, A. F. (Org.). *A resiliência em ambientes educativos*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 24.
- ROCCA, S. M. *Resiliência, espiritualidade e juventude*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- ROLFO, L. *Padre Alberione*. São Paulo: Paulus, 1975.
- SCHWEITZER, A. *O misticismo de Paulo*. São Paulo: Novo Século, 2003.
- SPOLETINI, D. *Padre Alberione comunicador do evangelho*. São Paulo: Paulus, 2003.
- TANQUEREY, A. *A divinização do sofrimento*. São Paulo: Cultor de Livros, 2014.
- THUAN, François X. N. Van. *Testemunha da esperança*. São Paulo: Cidade Nova, 2000.
- TUOTI, F. *Por que não ser místico?* São Paulo: Paulus, 1998.
- VANISTENDAEL, S. *Resiliência: como crescer superando os percalços*. São Paulo: Escritório Internacional Católico da Infância, 1999.

Também na internet:
vidapastoral.com.br



Pe. Johan Konings, sj*

São Pedro e São Paulo Apóstolos
3 de julho

Missão a todos, na unidade

I. Introdução geral

A festa que hoje celebramos é popularmente reconhecida como o *dia do papa*, sucessor de Pedro. Mas não podemos esquecer que, ao lado de Pedro, é celebrado também Paulo, o apóstolo, o missionário por excelência. A figura de Pedro é destacada principalmente na primeira leitura e no evangelho; a de Paulo, na segunda leitura. Mas a primeira leitura cria um espaço para falar dos dois: mostra que Deus está com seus enviados. Baseando-se na compreensão popular dos dois santos, pode-se combinar, nesta celebração, a ideia da pessoa de referência para a unidade da Igreja, como foi Pedro, e a do incansável missionário, que foi Paulo. O lema que se pode repetir na pregação é: “Missão a todos, na unidade”.

*Nascido na Bélgica, reside há muitos anos no Brasil, onde leciona desde 1972. É doutor em Teologia e licenciado em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina. Atualmente, é professor de Exegese Bíblica na FAJE, em Belo Horizonte. Entre outras obras, publicou *Descobrir a Bíblia a partir da liturgia*; *A Palavra se fez livro*; *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis – anos A-B-C*; *Ser cristão*; *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*; *A Bíblia nas suas origens e hoje*. E-mail: konings@faculdadejesuita.edu.br



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: At 12,1-11

A primeira leitura, tomada dos Atos dos Apóstolos, narra o episódio da prisão e libertação de Pedro. Por volta de 43 d.C., o rei judeu, Herodes Agripa I, vassalo dos romanos, mandou executar o apóstolo Tiago, filho de Zebedeu. Depois mandou aprisionar Pedro. Mas o “anjo do Senhor” o libertou, como libertou os israelitas do Egito. A comunidade recorreu à arma da oração: é Deus quem age, ele é o libertador. Assim, Pedro é libertado da prisão pelo anjo do Senhor. Esse feito confirma sua missão especial na Igreja, ressaltada no evangelho. O significado desse episódio pode ser estendido à vida de Paulo, que, conforme At 16,16-40, viveu uma experiência semelhante, além de muitas outras situações de perigo e aperto (cf. 2Cor 11,16-33).

2. Evangelho: Mt 16,13-19

O evangelho apresenta Pedro como a pedra ou rocha da Igreja. A situação é a seguinte: Jesus havia enviado os Doze em missão, e eles tomaram conhecimento das reações do povo diante de Jesus, além do acontecido com João Batista, decapitado por Herodes Agripa. Quando os discípulos voltam da missão, Jesus lhes pergunta quem o povo e quem eles mesmos dizem que ele é. Pedro responde pelos Doze e chama Jesus de Messias (em grego, Cristo: cf. Mc 8,29) e Filho de Deus (como diz Mt 16,16; cf. 14,33). Enquanto o relato de Marcos (Mc 8,27-30) é mais simples, o de Mateus mostra que Jesus reage à profissão de fé feita por Pedro em nome dos Doze com três observações. Primeiro, reconhece nela uma inspiração divina: “não foi um ser humano (literalmente, ‘carne e sangue’) que te revelou isso” (Mt 16,17). Além disso, muda o nome de Simão, chamando-o, com um jogo de palavras, de Pedro, porque

“sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e o poder (literalmente, ‘as portas’) do inferno nunca poderá vencê-la” (Mt 16,18). Enfim, Jesus confia a Pedro o serviço de governar a comunidade (as “chaves” e o poder de ligar e desligar, ou seja, obrigar e deixar livre, poder de decisão), com ratificação divina (“será ligado/desligado no céu”, Mt 16,19).

Jesus dá a Simão o nome de Pedro, “Pedra”, que sugere solidez: Simão deve ser a “pedra” (rocha) que dará solidez à comunidade de Jesus (cf. Lc 22,32). Isso não é um reconhecimento de suas qualidades naturais, embora possamos supor que Simão deva ter sido um bom empresário de pesca! Pelo contrário, não se refere ao que Pedro foi, mas ao que será. Trata-se de uma vocação que o transforma. Muitas vezes, na Bíblia, a imposição de um novo nome significa que a pessoa recebe nova vocação e deverá transformar-se para corresponder. Na Bíblia, ser “rocha” é, antes de tudo, um atributo de Deus mesmo, o “Rochedo de Israel” (cf. Dt 32,4 etc.). Jesus, com certeza, não quer colocar Pedro no lugar do “Rochedo de Israel”, mas o incumbe, por assim dizer, de uma missão que tenha qualidade análoga. A firmeza e a proteção evocadas pela imagem da rocha não são algo que Simão Pedro tem em si mesmo (ele negará conhecer Jesus na hora em que deveria testemunhar), mas são a firmeza e a proteção de Deus das quais ele é constituído “ministro”, e essa “nomeação” vai acompanhada de uma promessa: as “portas” (cidade fortificada, reino) do inferno não poderão nada contra a Igreja. Esse ministério está a serviço do Reino dos céus (maneira de Mateus dizer o Reino de Deus). Assim como as chaves das portas da cidade são entregues a seu prefeito (cf. Is 22,22), assim Pedro recebe o governo da comunidade que instaura o Reino de Deus no mundo. Em Mt 18,18, autoridade semelhante é exercida pela comunidade, mas Pedro tem uma responsabilidade específica, unificadora, que dá solidez à Igreja.



3. II leitura: 2Tm 4,6-8.17-18

A segunda leitura evoca Paulo. Ele, que sempre trabalhou com as próprias mãos, está agrilhado; na defesa, ninguém o assistiu. Contudo, fala cheio de gratidão e esperança. “Guardou a fidelidade”: a sua e a dos fiéis. Aguarda com confiança o encontro com o Senhor. Ofereceu sua vida no amor, e o amor não tem fim (cf. 1Cor 13,8). Seu último ato religioso é a oblação da própria vida (cf. Rm 1,9; 12,1). Sua vida está nas mãos de Deus, que o arrebatou da boca das feras.

Sua vocação se deu por ocasião da aparição de Cristo no caminho de Damasco: de perseguidor, Paulo se transformou em apóstolo e realizou, mais do que os outros apóstolos, a missão de ser testemunha de Cristo até os confins da terra (At 1,8). Apóstolo dos pagãos, tornou realidade a universalidade da Igreja, da qual Pedro é o guardião. A segunda leitura que hoje ouvimos é o resumo de sua vida de plena dedicação à evangelização entre os pagãos, nas circunstâncias mais difíceis: a Palavra tinha de ser ouvida por todas as nações (2Tm 4,17). A ninguém podia ficar escondida a luz de Cristo! O mundo em que Paulo se movimentava estava dividido entre a religiosidade rígida dos judeus farisaicos e o mundo pagão, entre a dissolução moral e o fanatismo religioso. Nesse contexto, o apóstolo anunciou o Cristo crucificado como a salvação: loucura para os gregos, escândalo para os judeus, mas alegria verdadeira para quem nele crê. Missão difícil. No fim de sua vida, Paulo pôde dizer que “combateu o bom combate e conservou a fé”. Essa afirmação deve ser entendida como fidelidade na prática, tanto de Paulo como dos fiéis que ele ganhou. Como Cristo, o bom pastor, não deixa as ovelhas se perderem, assim também o apóstolo, enviado de Cristo, as conserva nesse laço de adesão fiel, marca de sua própria vida.

O desgaste na vida sacerdotal Prevenir e superar a síndrome de *burnout*

Helena López de Mézerville



A necessidade que a Igreja tem de entender, prevenir e superar a “síndrome de *burnout*”, ou desgaste na vida sacerdotal, é algo primordial para o sacerdócio do século XXI. Num recente estudo feito pela doutora Helena López de Mézerville, demonstrou-se que três em cada cinco dos quase novecentos sacerdotes latino-americanos entrevistados estavam mediana ou gravemente esgotados. Esta obra se apresenta como o ápice de um trabalho que procura melhorar a qualidade de vida de seminaristas, presbíteros e religiosos em toda a América.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





III. Pistas para reflexão

Conforme o evangelho, Simão responde pela fé dos seus irmãos. Por isso, Jesus lhe dá o nome de Pedro, que significa sua vocação de ser “pedra”, rocha, para que seja edificada sobre ele a comunidade dos que aderem a Jesus na fé. Pedro deverá dar firmeza aos seus irmãos (cf. Lc 22,32). Essa “nomeação” vai acompanhada de uma promessa: o reino do inferno não poderá nada contra a Igreja, que é uma realização do Reino do céu. A libertação da prisão, lembrada na primeira leitura, ilustra essa promessa. Jesus confia a Pedro “o poder das chaves”, o serviço de administrador de sua “cidade”, de sua comunidade. À medida que a Igreja é realização (provisória, parcial) do Reino de Deus, Pedro e seus sucessores, os papas, são “administradores” dessa parcela do Reino. Eles têm a última responsabilidade do serviço pastoral. Pedro, sendo aquele que “responde” pelos Doze, administra ou governa as responsabilidades da evangelização (não a administração material). Quem exerce esse serviço hoje é o papa, sucessor de Pedro e bispo de Roma, cidade que, pelas circunstâncias históricas, se tornou o centro a partir do qual melhor se exercia essa missão. Pedro recebe também o poder de “ligar e desligar” – o poder da decisão, de obrigar ou deixar livre –, exatamente como último responsável da comunidade (a qual também participa nesse poder, como mostra Mt 18,18). Não se trata de um poder ilimitado, mas de responsabilidade pastoral, que concerne à orientação dos fiéis para a vida em Deus, no caminho de Cristo.

Se Pedro aparece como fundamento institucional da Igreja, Paulo aparece mais na qualidade de fundador carismático. Transformado por Cristo em mensageiro seu (“apóstolo”), ele realiza, por excelência, a missão dos apóstolos de serem testemunhas de Cristo “até os extremos da terra” (cf. At 1,8). As

cartas a Timóteo, escritas na prisão em Roma, são a prova disso, pois Roma é a capital do mundo, o trampolim para o Evangelho se espalhar por todo o mundo civilizado daquele tempo. Paulo é o “apóstolo das nações”. No fim da sua vida, pode entregá-la como “oferecida adequada” a Deus, assim como ensinou (Rm 12,1). Como Pedro, ele experimenta Deus como o Deus que liberta da tribulação (cf. a primeira leitura).

Hoje, celebra-se especialmente o “dia do papa”. Isso enseja uma reflexão sobre o serviço da responsabilidade última. Importa libertar-nos de um complexo antiautoritário de adolescentes. Pedro e Paulo representam duas vocações na Igreja, duas dimensões do apostolado – diferentes, mas complementares. As duas foram necessárias para que pudessemos comemorar, hoje, os cofundadores da Igreja universal. A complementaridade dos dois “carismas” continua atual: a responsabilidade institucional e a criatividade missionária. Essa complementaridade pode provocar tensões (cf. Gl 2); por exemplo, as preocupações de uma “teologia romana” podem não ser as mesmas que as de uma “teologia latino-americana”. Mas tal tensão pode ser extremamente fecunda e vital para a Igreja toda. Hoje, sabemos que o pastoreio dos fiéis – a pastoral – não é exercido somente pelos “pastores constituídos” como tais, pela hierarquia. Todos os fiéis são um pouco pastores uns dos outros. Devemos conservar a fidelidade a Cristo – a nossa e a dos nossos irmãos – na solidariedade do “bom combate”.

E qual será, hoje, o bom combate? Como no tempo de Pedro e Paulo, a luta pela justiça e pela verdade em meio a abusos, contradições e deformações. Por um lado, a exploração desavergonhada, que até se serve dos símbolos da nossa religião para fins lucrativos; por outro, a tentação de largar tudo e dizer que a religião é um obstáculo à emancipação humana. Nossa luta é, precisamente, assumir a libertação em nome de Jesus, sendo-lhe fiéis,



pois, na sua morte, ele realizou a solidariedade mais radical que podemos imaginar.

15º DOMINGO DO TEMPO COMUM

10 de julho

O mandamento que conduz à vida eterna

I. Introdução geral

A liturgia deste domingo nos confronta com o ensinamento de Jesus sobre o amor fraterno, supremo mandamento da vida cristã. Trata-se do ponto fulcral da prática cristã. As leituras apresentam dois aspectos principais: o que é amar e a quem se dirige nosso amor? As duas perguntas fundem-se numa só compreensão: quem ama descobre logo a quem amar. Como lema, que pode ser repetido na homilia e nos comentários, sugerimos: “Torne-se próximo de seu irmão necessitado”, ou a sabedoria popular: “A melhor maneira de ter amigos é ser amigo”.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Dt 30,10-14

A primeira leitura funciona como verdadeira abertura solene para a liturgia da Palavra. O livro mais imponente da Torá, o Deuteronômio, ensina-nos que o mandamento de Deus não está fora de nosso alcance. Deus fez de Israel seu povo não por este ser importante, mas por amor e fidelidade à sua promessa (Dt 7,7-8). O amor de Deus por Israel não tem explicação, mas consequências: Israel deve amar a Deus com todas as suas forças

(Dt 6,4-5). Deve escutar sua voz e não se afastar de suas orientações; e, quando se afasta, deve “voltar”, converter-se (30,10). E, se o povo diz que a Lei é difícil, Deus responde que não: não é coisa de outro mundo. Está perto, ao alcance de quem o ama (30,11-14; cf. Jr 31,33; Br 3,15-29; Rm 10,6-8).

Hoje importa redescobrir que lei e mandamentos não são coisas do passado, inimigas da liberdade moderna. O termo que traduzimos por lei (*torah*) deveria, na realidade, ser traduzido como ensinamento, instrução. É uma sabedoria (cf. Sl 19 e Sl 119). Ora, um bom conselho vale mais do que ouro. Para os teólogos que redigiram o livro do Deuteronômio (no século VIII-VI a.C.), a Lei de Moisés era inigualável tesouro de sabedoria, um rumo seguro para a vida, em todas as circunstâncias. Para tê-la sempre diante dos olhos, deviam colocá-la numa faixa amarrada na testa (Dt 6,8; cf. Ex 13,9 etc.). Os “deuteronomistas” enfrentavam um tempo de afrouxamento em Israel, mais ou menos como nós, hoje. A quem achava difíceis as orientações de Deus, respondiam: “Não é verdade. A Lei não é coisa do outro mundo, ninguém a precisa procurar no céu ou no inferno, ela está perto de ti”. Dificilmente poderia estar mais perto do que naquela faixa na testa. Mas não é só por meio dessa faixa que ela pode estar perto. Ela é uma palavra viva, lembrada continuamente pelos próprios profetas, que viviam no meio do povo. E em Cristo ela se torna mais próxima do que nunca.

2. Evangelho: Lc 10,25-37

No evangelho ouvimos o ensinamento do grande mandamento do amor e a parábola do bom samaritano. O trecho faz parte de um conjunto do Evangelho de Lucas (Lc 10,26-11,13), que apresenta três exigências fundamentais do ser cristão: 1) o “grande mandamento” do amor a Deus e ao próximo (10,25-37); 2) o “único necessário” (10,38-42); 3) a “oração por excelência” (11,1-13). O “grande mandamento” responde à pergun-



ta pelo caminho da vida eterna: amar a Deus e o próximo. Defrontamo-nos com um especialista da Lei que procurava, em meio à multidão de prescrições, saber o que devia fazer para “herdar a vida eterna”, a vida da era vindoura, do Reino que Deus estabeleceria no mundo para sempre (pois era assim que se concebia a vida eterna) (Lc 10,25-28; cf. Mt 22,35-40; Mc 12,28-31). Jesus o remete à Lei ensinada por Moisés. Pergunta o que aí se encontra. O escriba responde: amar a Deus acima de tudo (cf. Dt 6,5) e ao próximo como a si mesmo (cf. Lv 19,18). “É isso mesmo que deves fazer”, responde Jesus. Novamente: não é coisa de outro mundo!

Depois, porém, o escriba pergunta quem é seu próximo. A resposta de Jesus revoluciona suas categorias: o próximo não é um arbitrário “objeto de caridade”; é todo homem, desde que eu me torne próximo dele. Todos nós estamos de acordo que devemos amar nosso próximo. Mas quem é ele? Minha velha tia rica, prestes a ceder sua herança, ou meu empregado, com cuja família nada tenho que ver? Visto que argumentar não adianta, Jesus conta uma história. Um homem cai nas mãos de ladrões. Passa um sacerdote, mas não tem tempo para parar, pois deve celebrar um sacrifício. Passa um especialista das leis de pureza (um levita): este tem medo de sujar as mãos com o sangue do homem que ficou semimorto na beira da estrada. Passa, depois, um inimigo, um samaritano, talvez um comerciante concorrente do homem que foi assaltado. E esse samaritano, inimigo dos judeus, cuida do homem à sua própria custa. Nesse ponto da narrativa, Jesus pergunta não quem é o próximo a quem se devem fazer obras caritativas, mas quem é o próximo do homem que foi assaltado. A inversão da pergunta é significativa, porque o especialista da Lei é obrigado a responder que um vil samaritano é o próximo de um judeu assaltado. Para todos nós, isso significa: eu sou próximo de quem encontro no meu caminho, sou chamado a ser solidário

com ele, a me tornar próximo dele. Ao analisar o texto, aparecem detalhes mais significativos ainda. O samaritano “comiserou-se”, “aproximou-se”: uma linguagem que poderia ser aplicada ao próprio Deus. Deus comiserou-se do ser humano, tornou-se próximo dele e salvou-o à sua própria custa: custou a vida de seu Filho. O próximo, “aquele que se comiserou do homem” (Lc 10,37), é Deus mesmo. “Vai e então faz a mesma coisa”, e já não precisarás perguntar quem é teu próximo. E terás a vida eterna, porque desde já estarás vivendo a vida de Deus mesmo. Gostamos de escolher nossos próximos. Está errado. Somos próximos de quem encontramos. Deus nos colocou perto deles para os tratarmos com o mesmo amor gratuito que ele nos dedica.

3. II leitura: Cl 1,15-20

A segunda leitura apresenta o belo hino cristológico da carta aos Colossenses. Essa carta dá uma resposta à introdução de doutrinas falsas na comunidade. Alguns ensinam que, além de Cristo, devem-se venerar outros seres transcendentes, “espíritos” etc. É difícil ser livre! Por isso, Paulo realça o lugar central exclusivo de Cristo. Ele nos redimiu, dando a sua vida até a morte. Só compreenderemos bem isso quando formos conscientes de que Cristo é também o criador, com o Pai. Ele assume nossa vida e nosso mundo não por fora, mas por dentro. No íntimo do ser homem, ele vive a plenitude de ser Deus. Quando todos chegarem a essa plenitude, a criação estará completa.

Esse hino é uma das obras-primas do Novo Testamento. A ideia principal é a unidade da ordem da criação e da redenção, em Cristo. Ele é a cabeça da redenção, assumindo a todos na sua glória, porque é também a cabeça da criação. O hino expressa isso em termos que lembram fortemente o prólogo de João (Jo 1,1-18) e os textos que falam da Sabedoria como hipóstase unida a Deus desde antes da criação do mundo (Pr 8,22-36; Eclo 24; Sb 7). O hino combina a figura da



Sabedoria que preside à criação, identificada a Cristo, com aquela outra imagem paulina de Cristo, cabeça da Igreja, que é seu corpo. No pensamento bíblico, todo o corpo participa da realidade de seu princípio vital (no caso, a cabeça). No sacrifício e na glória de Cristo, assume-se todo o universo na reconciliação com Deus. A “plenitude” (termo helenístico-gnóstico, indicando o “uno”, ou seja, o ser perfeito) mora nele: a plenitude de Deus, englobando todos os seus filhos.

Esse texto pode ser interpretado como elo entre as duas outras leituras, neste sentido: amor a Deus e a seu ensinamento (primeira leitura) encontra sua plenitude na fé que se concentra em Cristo e sua palavra, proclamada no evangelho. (Um texto que melhor combinaria com o tema da primeira leitura e do evangelho seria, por exemplo, Tg 1,21-25, sobre ouvir e praticar a palavra.)

III. Pistas para reflexão

Amor ao próximo e solidariedade: os profetas de Israel teceram os mais sublimes elogios à Lei, ou melhor, ao ensinamento (*torah*) de Deus. Era um caminho de vida. Mesmo assim, havia quem achasse a Lei complicada e procurasse um resumo ou pelo menos um mandamento-chave que, por assim dizer, a resumisse. Essa questão foi apresentada também a Jesus, e ele deu, sem hesitar, a resposta. Menciona o mandamento que todo judeu recita diariamente na oração do “Shemá Israel” (Dt 6,4-5) – “Amar a Deus com todas as forças” – e acrescenta: “e ao próximo como a si mesmo” (como está em Lv 19,18.35). Esses dois mandamentos são inseparáveis, pois o amor ao próximo é o dever número um de quem ama a Deus. Paulo (Gl 5,13) e Tiago (Tg 2,8) resumem toda a moral cristã nesse único mandamento. João nos diz ser impossível amar a Deus sem amar o irmão (1Jo 4,21). Não se pode amar o Pai sem amar os filhos. Mas o que é amar? E quem são nossos próximos?

Os judeus consideravam como “próximos”, isto é, como candidatos à sua solidariedade, os membros da comunidade judaica e os estrangeiros residentes que viviam em seu meio (e cooperavam com eles): a esses era preciso “amar como a si mesmo” (Lv 19,18.35). No caso dos inimigos, sobretudo dos samaritanos, a esses não se devia amar, pelo contrário (cf. Mt 5,43). Ora, exatamente um samaritano se torna solidário com um judeu jogado à beira da estrada, depois que dois ilustres “próximos” judeus, um sacerdote e um levita, deram uma volta para não se incomodarem com o compatriota assaltado...

Jesus não respondeu diretamente à pergunta do mestre da Lei: “Quem é o meu próximo?”. Ele respondeu por meio de uma parábola, porque a questão não é descobrir, teoricamente, quem é e quem não é próximo. A parábola insere o ouvinte em nova situação prática, existencial. Coração generoso se torna próximo de qualquer um que precisa; a melhor maneira de ter amigos é ser amigo; a melhor maneira de encontrar o próximo é tornar-se próximo, aproximar-se. A questão não é teórica, mas prática. Ora, nós, na prática, esquecemos a parábola de Jesus e fazemos como o sacerdote e o levita: afastamo-nos do necessitado – mesmo se pertence à nossa comunidade! – e não “nos aproximamos” dele. Tornar-se próximo é ser solidário. Será que somos solidários com os que vivem à margem da estrada de nossa sociedade? Mesmo quando damos uma esmola a um coitado, não é para nos desviarmos dele?

“Vai e faz a mesma coisa”, diz Jesus. Imitar o samaritano exige solidariedade, assumir a vida do outro, não livrar-se dele. Torná-lo um irmão, pois esse é o sentido verdadeiro da palavra “próximo”.

Como fica essa solidariedade neste tempo em que a doutrina da competição, do lucro e do proveito ilimitado solapou o tecido social, as relações de gratuidade entre as pessoas?



16º Domingo do Tempo Comum

17 de julho

O único necessário

I. Introdução geral

Neste domingo, a liturgia nos propõe dois exemplos de hospitalidade, o de Abraão e o de Marta. A história de Abraão dirige nosso olhar para o mistério escondido na hospitalidade. A história de Marta e Maria nos ensina que, antes de se desdobrar em gestos de hospitalidade, importa saber acolher. A verdadeira hospitalidade não consiste em preparar muitas coisas, mas em acolher o dom que é a pessoa. Receber as pessoas com atenção, dar-lhes audiência, pode ser uma ocasião para receber a única coisa verdadeiramente necessária, a palavra de Deus: sua promessa (no caso de Abraão), seu ensinamento (no caso de Maria).

O lema que se repete durante a celebração pode ser: “Em primeiro lugar, escute o Senhor”.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Gn 18,1-10a

A primeira leitura nos mostra como a hospitalidade de Abraão é recompensada pela promessa de Deus. Sob a aparência de três viajantes, Deus apresenta-se, incógnito, a Abraão, que demonstra toda aquela hospitalidade tão apreciada no Oriente. Aos poucos, o foco da narrativa se desloca da hospitalidade de Abraão para a promessa de Deus. Abraão não perguntou pela identidade de seus hóspedes. Agiu por bondade gratuita. Com a mesma gratuidade, Deus lhe concede o que era estimado impossível: um filho de sua mulher Sara, já idosa.

A leitura mostra que, quando se está oferecendo hospitalidade, na realidade se está

recebendo a generosidade de Deus. A hospitalidade que Abraão, generosa e gratuitamente, oferece a três homens, perto do carvalho de Mambré, transforma-se em receber. Ele recebe a coisa que mais deseja: um filho de sua mulher legítima, Sara. Talvez por isso se diz que a hospitalidade é “receber” uma pessoa: o hóspede é um dom para nós...

Deus passa por nossa vida, junto de nossa casa, e importa fazê-lo entrar (Gn 18,3), para que a nossa vida não fique vazia. Deus pode chegar como um viajante, um necessitado, e nossa gratuita bondade deve estar pronta para o “receber” no momento imprevisto.

2. Evangelho: Lc 10,38-42

O evangelho, com o episódio de Jesus na casa de Marta e Maria, focaliza “o único necessário”.

Quem acolhe um hóspede parece estar oferecendo algo – a hospitalidade –, mas pode ser que, na realidade, esteja recebendo mais do que oferece, como foi o caso de Abraão na primeira leitura. Lida nessa ótica, a história de Marta e Maria se torna reveladora. Hospedar e cuidar é bom; mais fundamental, porém, é “receber” o dom que é o hóspede, com tudo o que tem de mais importante. E o mais importante, no caso, é a palavra de Jesus. Ele não veio para se fazer servir como um freguês num hotel; veio para servir (Mt 20,28), e serve por meio de sua palavra, de sua vida inteira. Ele é inteiramente palavra, palavra de Deus, no seu dizer, no seu fazer, no seu sofrer. Acolher essa palavra é o único necessário.

Quem se esgota em “fazer coisas” para o outro, sem realmente o “receber”, pode ser chamado de ativista. O ativismo é um mal de nosso tempo, mas não data deste século. É doença que espregueia a humanidade desde sempre. Jesus aproveita as intensas ocupações da “dona Marta”, sua anfitriã, para falar desse assunto. Marta dá muita importância aos próprios afazeres e pouca àquilo que recebe de Jesus. Ela deseja que Maria, imersa na escuta



das palavras do Mestre, interrompa sua escuta e a ajude a preparar a comida. Mas por que preparar comida se não se sabe para quê? Se alguém não se abre para receber a mensagem, para que acolher o mensageiro? Um bom anfitrião procura servir o melhor possível, mas, se não escuta o que o visitante tem para dizer, fará uma monte de coisas, mas a finalidade real da visita não se realizará. “Marta, Marta, tu te ocupas com muitas coisas; uma só, porém, é realmente necessária...” Jesus não diz o que é essa coisa necessária, mas a história nos faz entender que é o que Maria estava fazendo: escutar Jesus. Maria escolheu a parte certa. Mais fundamental do que a casa bem arrumada e a mesa bem provida com que Marta se preocupa é acolher Jesus, com suas palavras, no coração. Então a mesa bem preparada servirá para sua verdadeira finalidade.

O ativismo, mesmo a serviço dos outros, corre o perigo de ser um serviço a si mesmo: autoafirmação à custa de quem é o “objeto” de nossa caridade. A superação do ativismo consiste em ver o mistério de Deus nas pessoas, assim como Maria o enxergou em Jesus, o porta-voz de Deus, o *portador* das “palavras de vida eterna” (cf. Jo 6,68).

O hóspede vem a nós com uma recomendação de Deus, e por isso lhe dedicamos atenção. Nossa preocupação não deve ser os nossos próprios afazeres, mas a interpelação que o rosto do outro nos dirige. Então não lhe imporemos uma hospitalidade que nós inventamos em proveito de nossa autoafirmação, mas abriremos o coração àquilo que ele diz e é. É isso que Jesus lembra a Marta.

A verdadeira contemplação não é uma fuga a pensamentos aéreos, mas aquele realismo superior que nos leva a ver Deus no ser humano e o ser humano em Deus. Essa contemplação é também o fundamento da verdadeira práxis da fé, que consiste, precisamente, em tratar o ser humano como filho e representante de Deus. Para isso, o centro de nossa preocupação não deve ser nossa

atividade, mas a pessoa humana que nos é dada e que nós “recebemos” como um dom da parte de Deus.

3. II leitura: Cl 1,24-28

A segunda leitura nos fala da manifestação do mistério de Cristo na missão do apóstolo. Servir a Cristo é participar de seu sofrimento. No sofrimento próprio, Paulo vê confirmada sua comunhão com Cristo, e isso é para ele uma alegria. Ele quer revelar o “mistério de Deus” – que é Cristo – por sua vida. Cristo é a “esperança da glória”. “Cristo no meio de nós” (1,27) não é um belo pensamento, mas força que nos impele ao encontro dos irmãos. Cristo é, em nós, a esperança, a impaciência do dia que há de manifestar, plenamente, o que ele é e o que nós seremos nele.

Deus vem ao ser humano. Paulo sabe dessa união de Deus e Cristo com o ser humano, que lhes pertence. O apóstolo considera o seu sofrimento como a complementação, no próprio corpo, do sofrimento de Cristo. Não que faltasse algo ao sofrimento de Cristo por parte deste – faltava algo por parte de Paulo; o sofrimento de Cristo precisava ser completado pela *participação* de Paulo. Isso, aliás, vale para todos nós. Só nos apropriamos, por assim dizer, da paixão de Cristo por nossa “com-paixão”.

Paulo anuncia a palavra de Deus em sua plenitude: o mistério escondido desde a eternidade, a realidade só conhecida por quem dela participa, a esperança da glória, “Cristo em vós”. Na comunidade dos fiéis, da qual Paulo se tornou apóstolo, está presente aquele que assume todo o sentido de nossa vida e da criação toda (Cl 1,15-20, cf. domingo passado). Para que fossem levados à perfeição os que receberam sua pregação, Paulo oferece sua vida.

(Querendo usar um texto mais afinado com o tema do evangelho e da primeira leitura, veja-se 1Pd 4,9-11: “Sede hospitaleiros.”)



III. Pistas para reflexão

O importante e o necessário: grande mal em nossa sociedade, e também na Igreja, é o ativismo, a falta de disposição para aprofundar o essencial, sob o pretexto de tarefas urgentes.

Na primeira leitura, vimos a virtude da hospitalidade na figura de Abraão. Deus, que nos anjos se tornou seu hóspede, recompensa-o com a promessa de um filho. Será que o evangelho não contradiz essa lição? Jesus dá a impressão de valorizar mais a presença passiva de Maria, que fica a escutá-lo, do que a preocupação de Marta em bem recebê-lo. Ou será que o jeito certo de recebê-lo é o de Maria: escutar sua palavra?

Jesus observa a Marta que ela anda ocupada e preocupada com muitas coisas, enquanto uma só é necessária. Essa observação não é uma crítica à hospitalidade, mas indica uma escala de valores: a melhor parte é a que Maria escolheu! O que esta faz é fundamental e indispensável: escutar. O resto (as correrias pastorais, as reuniões) é importante, mas *deve ter fundamento no escutar*. Jesus censura Marta não porque ela cuida da cozinha, mas porque quer tirar Maria do escutar para fazê-la entrar no ritmo das suas próprias ocupações. Marta não conhecia a escala de valores de Jesus.

Paulo, na segunda leitura, pode ser um exemplo. Ele passou pela “passividade” do sofrimento, assumindo no próprio corpo a sua participação no sofrimento de Cristo. Dessa identificação profunda com Cristo ele tirou a força para seu surpreendente apostolado. Gente ocupada é o que menos falta. Mas sabemos muito bem que toda essa ocupação não gira, necessariamente, em torno do fundamental. Dá até pena ver certas pessoas complicar a vida com mil coisas que, dizem, vão simplificá-la. Por outro lado, encontramos também, especialmente entre os pobres “de coração” (não aqueles com mania de rico), pessoas que levam uma vida simples, porém

com muito mais conteúdo e, sobretudo, com um coração sensível e solidário.

Importa acolher (a Deus, a Jesus, aos outros) em primeiro lugar no coração. Só então as demais atuações terão sentido. Isso vale na vida pessoal e também na vida comunitária. Comunidades que giram exclusivamente em torno de preocupações e reivindicações materiais acabam esvaziando-se, caem em brigas geradas pelo personalismo e pela ambição. Mas comunidades que primeiro acolhem com carinho a palavra de Jesus num coração disposto saberão desenvolver os projetos certos para pôr essa palavra em prática.

“Buscai primeiro o Reino de Deus...”

17º Domingo do Tempo Comum

24 de julho

A oração do discípulo

I. Introdução geral

Pessoas muito racionalistas não raro experimentam dificuldade com a *oração de súplica*. Acham bom rezar para adorar ou agradecer, pois reconhecem que a vida é um dom e existe um ser transcendente e perfeito chamado Deus. Mas pedir que esse ser se ocupe com o dia a dia de suas criaturas lhes parece metafisicamente ingênuo e praticamente pouco atraente, pois torna Deus muito familiar. Preferem não depender dele em seus negócios. Ora, aquele que sustenta todo o ser também não sustenta nosso dia a dia? Ou será que as poucas leis físicas, psicológicas, econômicas e sociológicas que conhecemos são realmente tão abrangentes que já não sobra espaço para Deus? (Em vez de pensar que essas leis são uma parte do sustento que ele nos fornece em cada momento.)

Seja como for, Jesus nos ensinou a pedir e suplicar, e até com insistência. Cita o



exemplo de alguém que, em plena noite, vai acordar o vizinho e bate à sua porta até que ele se levante para ver-se livre do incômodo (evangelho). Isso lembra a “pechincha de Abraão”, que, ao rezar por Sodoma e Gomorra (primeira leitura), se atreve a lembrar a Deus: “Não podes perder os justos com os injustos, é uma questão de honra!”. E Deus atende. A frase do salmo responsorial: “Cada vez que te invoquei, me deste ouvido”, pode ser repetida como lema durante os vários momentos da celebração.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Gn 18,20-32

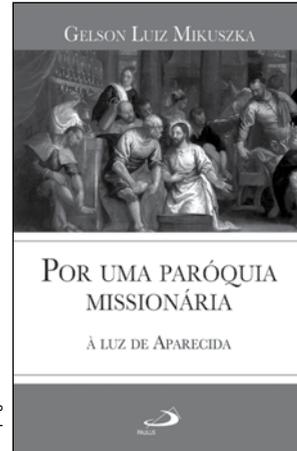
A primeira leitura narra a oração de Abraão por Sodoma e Gomorra. O pecado de Sodoma e Gomorra, sobretudo o abuso contra a hospitalidade e contra o respeito sexual (cf. o episódio a seguir, Gn 19,1-11), clama ao céu. Diante da ameaça de Deus, Abraão pede-lhe que não a execute, pois não deve condenar a cidade por causa dos muitos injustos, mas poupá-la por causa de poucos justos. É uma questão de honra para Deus, diz Abraão. Essa história contracena com o Novo Testamento. O Juiz do mundo (Gn 18,25) é também o amigo, o Pai (Lc 11,8, evangelho). Para salvar Sodoma e Gomorra, cinco justos (mas nem estes se encontraram) teriam sido suficientes para Deus; na nova “economia da salvação”, a vida de um único justo, o Filho de Deus, salva a todos.

2. Evangelho: Lc 11,1-13

O evangelho nos propõe a oração do cristão. Os discípulos encontram Jesus em oração. O fato e o modo de Jesus rezar provocam o pedido: “Ensina-nos a rezar”. Então, Jesus ensina-lhes o Pai-nosso, protótipo da oração cristã (11,1-4). A versão de Lucas é mais bre-

Por uma paróquia missionária à luz de Aparecida

Gelson Luiz Mikuszka



A paróquia é célula viva da Igreja e lugar onde a maioria dos fiéis faz sua experiência eclesial com Cristo. Para que o papel evangelizador dessa grande e histórica instituição alcance cada vez mais êxito ao desempenhar seu papel evangelizador, foram reavivados, neste livro, alguns debates surgidos na Conferência de Aparecida, que desafiou a Igreja na América Latina a fazer de cada comunidade eclesial “um poderoso centro irradiador da vida”. Para isso, cada Igreja local foi chamada a renovar urgentemente a paróquia. O convite inspirou padre Gelson a elaborar um texto de estudo e reflexão sobre o assunto.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ve que a de Mateus (Mt 6,9-13). Mateus tem sete pedidos, Lucas, cinco, mas em ambos é central o pedido do pão de cada dia. Antes de pedir o pão de cada dia, ora-se pela glorificação de Deus e pela vinda de seu Reino; depois, pelo perdão do pecado e pela proteção na tentação. Quem pode rezar assim, com sinceridade, é discípulo de Jesus.

Depois da instrução do Pai-nosso, Lucas acrescenta dois ensinamentos de Jesus sobre a oração de pedido: a parábola do “vizinho chato” (11,5-8) e as palavras sobre o dom do Pai (11,9-13).

A parábola do “vizinho chato” é provocante. Alguém acorda seu vizinho em plena noite para lhe pedir comida, porque chegou um hóspede imprevisto e a despensa está vazia. O que bate à porta certamente está bem-intencionado, pois, no Oriente, a hospitalidade é um dever muito importante. Mas o vizinho vê nisso um problema, porque deverá levantar-se e passar por cima de mulher e filhos, que estão dormindo, deitados no único quarto da casa simples. Mas o outro continua insistindo e, finalmente, o vizinho, para se ver livre dele, concede-lhe o pedido.

A oração de Abraão como também a do vizinho (e a da viúva insistente, Lc 18,3) nos ensinam uma coisa importante: pedem coisas com que Deus se possa comprometer. Pedem a Deus o que, no fundo, Deus mesmo deseja. Esse (além de nossa insistência) é o segredo da oração eficaz. Saber pedir como convém (cf. Tg 4,3). Deus é nosso Pai. Ele deseja comunicar suas dádivas, especialmente seu Espírito, força e ânimo de nosso existir (Lc 11,9-13).

Por isso, no Pai-nosso, Jesus ensina seus discípulos, e a todos nós, a rezar primeiro para que o nome de Deus seja santificado (isto é, para que Deus encontre reconhecimento no mundo) e seu Reino venha (Lc 6,2; Mt 6,10 explicita: “Tua vontade seja feita”). Dentro desse quadro de referências, podemos e devemos rezar por nosso pão de cada dia, pelo perdão (pois somos eternos devedo-

res) e para ficarmos incólumes na tentação. Devemos rezar por isso, com insistência, não tanto porque Deus não soubesse de que precisamos, mas para nos abirmos ao que ele nos quer dar. Pedindo, a gente se convence mais a si mesmo do que a Deus! Pedir é cultivar nossa fé, nossa confiança filial, é deixar “crescer Deus”, como nosso Pai, em nossa consciência e em toda a nossa vida. É voltarmos a ser crianças – condição para entrar no Reino (cf. Lc 18,17). É por isso que os intelectuais tão dificilmente pedem.

Com essas considerações, não queremos justificar a oração que reduz Deus a um “quebra-galho” ou “tapa-buraco”, às vezes até para causas não condizentes com seu Reino (por exemplo, para ter sucesso nos negócios, ainda que outras pessoas fiquem prejudicadas). Queremos é revalorizar a oração de petição, porque nela minha confiança filial em Deus me leva a extravasar, diante dele, aquilo que habita meu coração: minha própria miséria, além das necessidades de meu irmão, o próximo a quem quero bem e vejo em dificuldades. Assim como Abraão fez pelos habitantes de Sodoma. Isso não é absurdo. O mundo não é feito somente com as leis (físicas, psicológicas e sociológicas) que conhecemos ou estão em nossos manuais de escola, mas também com o mistério da vida. Por isso, não há dúvida de que a preocupação amorosa que extravasamos diante de Deus será operante, pela graça daquele mesmo que sustenta toda a vida.

3. II leitura: Cl 2,12-14

O pensamento da segunda leitura pode ser sintetizado nesta frase: nossas dívidas são saldadas por Cristo. O “sacramento” do Antigo Testamento era a circuncisão: constituía, para Israel, sinal de pertença a Deus, a ponto de Jesus lhe ter se submetido, como se subordinou a toda a Lei (cf. Gl 4,4-5). Mas Jesus assumiu também toda a condição humana e a sepultou consigo em sua morte, para criar o Homem Novo na ressurreição. O que aconte-



ce a Cristo acontece a nós: no batismo somos corressuscitados com Cristo. Corressuscitados com ele (cf. Rm 6,4), somos agora livres, livres de “culpa no cartório” (cf. Rm 8,34).

“Ninguém salva ninguém”, dizem os “realistas”. Será mesmo? Ninguém é salvo se não quer, mas em Cristo existe uma comunhão entre todos os que buscam a fonte da vida, Deus. Essa comunhão de vida, ensina a segunda leitura, faz que Cristo nos redima. Desde que participemos da vida que ele viveu (o que é expresso pelo batismo, imersão na sua morte, para que ressuscitemos com ele para uma vida nova), podemos dizer que a santidade de Cristo salda nossas dívidas, e sua morte por amor supre nossa falta de amor (com a condição de nos arrependermos). Como nós mesmos perdoamos a outrem a pedido de uma pessoa amiga (pai, mãe, irmão...), assim nossa comunhão (amizade) com Cristo vale para nos restabelecer na amizade de Deus. E também nossa oração de intervenção junto a Deus será eficaz.

(Um texto das cartas que melhor combina com as duas outras leituras seria 1Jo 5,14-16, sobre a confiança no pedir.)

III. Pistas para reflexão

Orar e pedir: certos cristãos, julgando-se esclarecidos, acham as orações de nosso povo muito egoístas, porque são quase sempre orações de pedido. Ora, as leituras de hoje sublinham a importância da petição. Abraão, com seus incansáveis pedidos, quase salvou as cidades de Sodoma e Gomorra – que, infelizmente, eram ruins demais. Jesus, por seu lado, ensina aos discípulos o Pai-nosso, essencialmente uma oração de petição: pede a princípio que Deus reine, e, uma vez que rezamos em harmonia com o desejo de Deus, podemos pedir o que precisamos para a nossa vida. Na parábola do homem que incomoda seu vizinho, Jesus parece ensinar-nos a vencer Deus pelo cansaço! No fundo, Deus gosta de dar-

-nos suas dádivas boas, especialmente seu Espírito, pois mesmo nós – que somos ruins – gostamos de dar coisas boas aos filhos.

A oração de petição não é uma forma de oração inferior, mais egoísta do que a meditação, a louvação, o agradecimento, a adoração... Na verdade, agradecer é a outra face do pedir. Quem agradece, gostou. Por que não pedir então? É reconhecer a bondade do doador! Como aquele frei que, depois de lauto almoço na casa de uma benfeitora, testemunhou sua gratidão com estas palavras: “Senhora, não sei como agradecer... Será que poderia repetir aquela sobremesa gostosa?”.

Conforme o espírito do Pai-nosso, devemos pedir, antes de tudo, a realização daquilo que Deus deseja: seu Reino, sua vontade. Ora, uma vez assentada essa base, pode-se pedir – com toda a simplicidade – o pão de cada dia, saúde, vida e todos os demais dons que Deus nos prepara. Também o perdão de nossas faltas. Só não se deve pedir a Deus o que ele não pode desejar: a satisfação de nosso egoísmo. E sempre se deve lembrar que Deus sabe melhor do que nós o que nos convém. Podemos insistir naquilo que achamos sinceramente nosso bem... Mas Deus sabe melhor.

É importante pedirmos. Compromete! Depois de ter pedido, a gente já não pode dizer: “Não pedi!”. Comprometemo-nos com Deus e com o que pedimos. Não é como no supermercado, onde você entra, olha e sai sem comprar. É, antes, como no armazém da esquina, onde você pede o que deseja e, caso houver, você compra. Assim, as preces dos fiéis, na celebração da comunidade, devem ter sentido de compromisso: devemos desejar que elas se realizem e, ao mesmo tempo, oferecer-nos a Deus para colaborar na realização daquilo que pedimos. *Pedir é comprometer-se.* Se pedimos a Deus saúde, não é para gozar egoisticamente a vida, mas para servir melhor. Se pedimos paz, não é para sermos deixados em paz, mas para nos dedicar à comunhão fraterna. Se pedimos por



nossos irmãos e irmãs mais pobres, é porque queremos ajudá-los efetivamente. Importa saber como pedimos (cf. Tg 4,3).

18º Domingo do Tempo Comum

31 de julho

Ser rico para Deus

I. Introdução geral

A liturgia de hoje ensina sobre a vaidade da riqueza. Para que tanto trabalhar, se nada podemos levar e devemos deixar o fruto de nosso trabalho para outros (primeira leitura)? Os pais arrecadam, os filhos aproveitam, os netos põem a perder... No evangelho, Jesus ilustra essa realidade com a parábola do homem que chegou a assegurar sua vida material, mas na mesma noite iria morrer...

Neste presente domingo, o acento cai no desapego dos “tesouros” terrenos. Nos próximos domingos, veremos que isso é apenas um lado da mensagem. O verdadeiro tesouro é o que depositamos junto a Deus por meio da solidariedade que praticamos para com os seus filhos, especialmente os pobres. Como lema para a liturgia da Palavra e a homilia, pode-se pensar numa frase como “ser rico para Deus”, “onde está teu tesouro, aí estará teu coração” ou “a riqueza passa, Deus não passa nunca”.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Ecl 1,2; 2,21-23

“Para que riqueza e saber?”, eis a pergunta do Eclesiastes (Coélet), de autoria de um filósofo judeu versado também no pensamento do mundo grego, lá por volta do ano 300 a.C., quando a Palestina estava sendo absorvida pelo império de Alexandre Magno, que espa-

lhou a cultura grega por todo o Médio Oriente.

A literatura do Antigo Testamento geralmente demonstra apreço e gratidão pela vida. Prova disso é a primeira página da Bíblia, o hino da criação (Gn 1). O Eclesiastes, porém, parece demonstrar certo ceticismo. Ataca o leitor com perguntas inoportunas: que é o homem? Por que existe? Aonde vai? Para que servem a riqueza e o saber, dificilmente alcançados e tão facilmente perdidos na hora da morte? É como um vento que passa, “vaidade”. Que sobra? Essas perguntas nos preparam para valorizar o “tesouro junto a Deus” de que fala o evangelho.

Quando os negócios vão bem, é difícil aceitar o questionamento do Eclesiastes. Ele insiste no vazio das riquezas deste mundo, não só as riquezas financeiras, mas também o poder e o saber. O judaísmo apreciava bastante a riqueza, vendo nela uma recompensa de Deus (a assim chamada “teologia da retribuição”). Porém, uma obra mais ou menos contemporânea do Eclesiastes, o livro de Jó, põe em xeque a ideia de que a riqueza e a honra sejam recompensas por uma vida justa: Jó era um justo e recebeu o contrário da riqueza e do poder. Com base nisso, o livro de Jó nos abre ao mistério de Deus, que nos transcende (Jó 38,1-42,6). Eclesiastes, por sua vez, expõe lucidamente a precariedade das riquezas financeiras e culturais. Mas não conhece a visão de Jó, nem propõe alternativa ao tradicional pensamento judaico, nem vê outra riqueza que mereça nosso empenho. Por isso, apregoa uma fruição prudente e um comportamento sem problemas e sem perspectiva maior.

2. Evangelho: Lc 12,13-21

Em contraste com o desejo de realização na riqueza e no bem-estar materiais, Jesus, no evangelho, ensina-nos a nos tornar ricos aos olhos de Deus. Lc 12,13-34 traz sentenças de Jesus sobre pobreza e riqueza. A vida não depende do poder aquisitivo (12,15). A palavra de Jesus é boa-nova, antes de tudo, para quem



não depende da riqueza material: o pobre (cf. Mt 5,3; Lc 6,20). Onde está o tesouro de alguém, aí está o seu coração (Lc 12,34). Herança, sucesso, safra... não livram o homem do perigo maior: endurecer-se, romper a comunhão com os irmãos e com Deus. Quem liga para esses “tesouros” é um bobo (12,20). Assim é quem adora a sociedade do consumo. Embora talvez frequente a Igreja, no fundo não se importa com Deus (cf. Sl 14[13],1). Possuído por suas posses (cf. Tg 4,13-15), o ser humano já não percebe o que Deus lhe quer mostrar. O contrário disso, porém, a doação, a comunhão e tudo que daí procede nos garantem um tesouro junto a Deus.

Basta uma boa crise financeira para a gente se lembrar da precariedade dos tesouros deste mundo, mas nem todos aprendem a lição... A cena que o evangelho conta é bem típica: uma briga de irmãos por causa da herança. Querem que Jesus resolva a questão (como os cristãos de família tradicional que chamam o padre para resolver problemas familiares). Jesus, porém, não mostra interesse por isso, sua missão é outra. Que adiantaria, para o Reino de Deus, impor a esses dois irmãos uma solução que, provavelmente, não os reconciliaria? Para Jesus interessa que a pessoa se converta aos valores do Reino. Por isso, ele narra a parábola do rico insensato, o qual, depois de uma boa safra, achou que poderia descansar para o resto da vida e viver do que recolhera. (Coitado! Na mesma noite Deus viria reclamar sua vida...) Não que Jesus critique o desejo de viver decentemente; antes denuncia a mania de depositar a esperança nas riquezas desta vida, perdendo a oportunidade de reunir tesouros (= o que se deposita para guardar) junto a Deus.

As riquezas não são um mal em si, mas desviam nossa atenção da verdadeira riqueza, a amizade de Deus, a qual alcançamos pela dedicação a seus filhos (nesse sentido, convém completar a parábola de hoje com aquela do rico avaro e Lázaro, Lc 16,19-31).

Cultura juvenil **Perspectivas e desafios** **para novos tempos**

Antonio Ramos do Prado



96 págs.

Este livro foi feito por várias mãos. Todos os autores trabalham com a juventude, tanto na área da evangelização como nas áreas da educação e acompanhamento. Queremos dedicar este livro a todas as pessoas que trabalham com a juventude e especialmente aos jovens. Os conceitos de juventude estão sempre em mudança, pois os jovens vivem numa sociedade que muda constantemente seus paradigmas. Desejamos para os jovens que o humanismo cristão seja fonte de eterno viver e que a civilização do amor possa acontecer de fato.

Ingeniosamente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





3. II leitura: Cl 3,1-5.9-11

Em continuidade com a segunda leitura de domingo passado, Paulo nos expõe hoje a vida nova em Cristo. A vida nova do cristão é morrer e corressuscitar com Cristo. A comunhão com ele não é só para a vida futura; já somos nova criação em Cristo, embora ela esteja ainda escondida em Deus, como o próprio Cristo. Mas essa vida nova já age, e sua configuração já está definida. Para isso, o velho homem deve morrer, não por uma mortificação que diminui a dignidade humana, mas pela vida nova na comunhão. Isso é o que nos garante um tesouro junto a Deus.

O evangelho nos ensina a rever os critérios de nossa vida. Precisamos acreditar que nossa existência é diferente daquilo que o materialismo nos propõe. A segunda leitura nos fornece uma base sólida para tal fé. Corressuscitados com Cristo, devemos procurar as coisas do alto: o que é de valor definitivo, junto a Deus. E isso não está muito longe de nós. Nossa verdadeira vida é Cristo, que está “escondido” junto a Deus, na glória que se há de manifestar no dia sem fim. Se essa é nossa vida verdadeira, embora escondida, ela determina nosso agir *desde já*. Em vez de buscar interesses próprios (Cl 3,5.7 faz o elenco destes), devemos buscar o que é de Deus (3,12-17, continuação da presente leitura). Nossa vida já é dirigida por critérios diferentes, embora sua figura definitiva ainda não seja visível. Por isso, o cristão é incompreensível para o mundo. Ele mesmo, porém, deve compreender e sondar a precariedade dos “tesouros” deste mundo. Por ser assim “diferente”, ele será rejeitado; portanto, precisa de uma fé sólida na autêntica vida – a de Cristo ressuscitado e de todos os verdadeiros batizados, sem distinção (Cl 3,11).

Será que isso significa desprezo pelo mundo? Não. Nem teríamos o direito de desprezar o que Deus criou. É apenas uma questão de realismo: importa saber onde está a

vida verdadeira, o sentido último do existir, e relativizar o resto em função dessa vida verdadeira. Esta é a do Filho de Deus. Nós a partilhemos se nos dedicamos à vontade do Pai em tudo. E essa vontade é o amor para com nossos irmãos. O amor nos engaja muito mais neste mundo do que a busca de riquezas e de saber ilustrado.

III. Pistas para reflexão

Riqueza insensata: quem é materialista (“materialista prático”, ainda que tenha teorias altamente espirituais), no fundo, só quer conhecer os prazeres do mundo. Para ele, o ensinamento de Jesus é indigesto. Nem por isso esse ensinamento deixa de ser verdadeiro. Não levamos nada daqui. As riquezas materiais não têm valor duradouro nem podem ser o fim último ao qual o ser humano se dedica.

Talvez o consumismo de hoje tenha isto de bom: lembra-nos essa precariedade. O produto que compramos hoje já sairá de moda amanhã, e depois de amanhã já nem haverá peças de reposição para consertá-lo! Nossa nova TV estará fora de moda antes de terminarmos de pagar as prestações... Por outro lado, esse consumismo é grosseira injustiça, pois gastamos em uma só geração os recursos das gerações futuras. Se as coisas valem tão pouco, melhor seria não as comprar e voltar a uma vida mais simples e desprendida. Poderia até sobreviver, como consequência, uma recessão econômica, mas também haveria menos necessidade de dinheiro para ser gasto...

A caça à riqueza material é um beco sem saída. A razão por que se insiste em produzir sempre mais é que os donos do mundo lucram com a produção, sobretudo das coisas supérfluas que enchem as prateleiras das lojas. Para vendê-las, criam e excitam nas pessoas a necessidade de possuí-las, mediante a publicidade na rua, no jornal, na televisão. Quando então as pessoas não conseguem adquirir todas essas coisas, ficam irrequietas; quando conse-



guem, ficam enjoadas; e nos dois casos surge mais uma necessidade: a psicoterapia...

A “sabedoria do lucro” é injusta e assassina. Leva as pessoas a desconsiderar os fracos. Um presidente deste nosso país chegou a dizer que “quem não pode competir não deve consumir”... O sistema do lucro e do desejo sempre mais acirrado precisa manter as desigualdades, pois parte do pressuposto de que todos querem superar a todos. Tal sistema é “intrinsecamente pecaminoso”, disseram os papas Paulo VI e São João Paulo II.

Ser rico não para si, mas para Deus. Não amontoar riquezas que, na hora do juízo, serão as testemunhas de nossa avareza, injustiça e exploração (cf. Tg 5,1-6), mas riquezas que constituam a alegria de Deus!

Não adianta muito discutir se a produção tem de ser capitalista ou socialista, enquanto não se tem claro que o ser humano não existe para a produção, mas a produção existe para o ser humano. Que, se for sábio, tentará precisar dela o menos possível. Usá-la-á para fazer amigos que o “recebam nas moradas eternas” (Lc 16,9).

19º Domingo do Tempo Comum

7 de agosto

A vigilância escatológica

I. Introdução geral

A vigilância é uma atitude bíblica. A liturgia de hoje nos lembra a noite em que Deus libertou seu povo da escravidão do Egito – quando o anjo exterminador visitou as casas dos egípcios, enquanto os israelitas, de pé e cadoado na mão, celebravam o Senhor pela refeição pascal. Estavam prontos para seguir seu único Senhor, que os conduziria através do mar Vermelho até o deserto (primeira leitura). Segundo o evangelho, a vigilância é também a atitude do cristão que espera a

volta de “seu senhor”, o qual, encontrando seus servos a vigiar, os fará sentar à mesa e os servirá. Pois já fez uma vez assim, na ceia que precedeu o dom de sua vida (cf. Lc 22,27). Jesus é o Senhor servo. Convém, portanto, abrir os olhos para a realidade que está ainda escondida por trás do horizonte, mas é decisiva para a nossa vida. Sintetizando o espírito da liturgia de hoje, poderíamos dizer: o mundo nos é confiado não como uma propriedade, e sim como um serviço a um “Senhor” que está “escondido em Deus”, mas, na hora decisiva, se revelará ser nosso amigo e servo de tanto que nos ama, a nós e aos que ele confiou à nossa solicitude vigilante. “Minha vida não é propriedade a que me apegar, mas dom a serviço de todos” poderia ser um lema adequado para esta celebração.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Sb 18,6-9

Segundo Ex 12,42, Deus passou a noite em vigília para libertar Israel e por isso Israel lhe dedica a vigília pascal. Na primeira leitura de hoje, ouvimos a meditação do livro da Sabedoria sobre essa memória do povo. Sb 10,19 descreve a atuação da divina Sabedoria na história de Israel. Na “noite” (Sb 18,6) do êxodo, Deus castigou o Egito, fazendo morrer seus primogênitos; foi o juízo de Deus, para salvar Israel (Sb 18,14-19; cf. Ex 12,12.29). O texto lembra que os “pais” (os antigos israelitas) preparavam-se para essa noite (Ex 11,4-6), a noite da vigilância (Ex 12,42), celebrando Javé no escondido (Sb 18,9). Tal vigilância e fidelidade são tarefa para todas as gerações, até a libertação final.

2. Evangelho (Lc 12,32-48)

O evangelho “atualiza” a lembrança da vigília de Israel no tema da vigilância escatológica. A comunidade cristã era uma minoria vulnerá-



vel, um “pequeno rebanho” (12,32). Porém, a ela pertence o Reino, a comunhão com Deus. Nisso entram diversas considerações. Lembrando o ensino de Jesus sobre a riqueza (Lc 12,33-34; cf. domingo passado), o evangelho ensina que o discípulo deve estar livre, procurando só o que está guardado ou depositado (a tradução diz “tesouro”) junto a Deus. Os versículos seguintes, Lc 12,35-48, ensinam então a vigilância (cf. primeira leitura): perceber o momento! Os servos devem estar prontos para a volta do seu Senhor, pois essa volta será o juízo tanto sobre os que estiverem atentos quanto sobre os despreocupados. E essa vigilância consiste na fidelidade no serviço confiado a cada um (cf. Mt 24,43-51; 25,1-13; Mc 13,35).

Lucas nos faz ver nossa vida em sua dimensão verdadeira. Vivendo no ambiente mercantilista do Império Romano, o evangelista vê constantemente o mal causado pelas falsas ilusões de riqueza e bem-estar, além do escândalo da fome (cf. 16,19-31). Se escrevesse hoje, não precisaria mudar muito. Ensina-nos a vigilância no meio das vãs ilusões.

A leitura continua com outras sentenças e parábolas referentes à parusia. Elas explicam, de maneira prática, o que a vigilância implica. Com a imagem do administrador sensato e fiel (12,42), Lucas ensina a cuidar do bem de todos os que estão em casa. Pela pergunta introdutória de Simão Pedro (12,41), parece que isso se dirige sobretudo aos líderes da comunidade. A vigilância não significa ficar de braços cruzados, esperando a parusia acontecer, mas assumir o bem da comunidade (cf. 1Ts 5). Lucas fala também da responsabilidade de cada um (12,47-48). Quem conhecia a vontade do Senhor e, contudo, não se preparou será castigado severamente, e o que não conhecia essa vontade se salva pela ignorância; a quem muito se deu, muito lhe será pedido; a quem pouco se deu, pouco lhe será pedido.

O importante dessa mensagem é que cada um, ao assumir no dia a dia as tarefas e, sobretudo, as pessoas que Deus lhe confiou, está

preparando sua eterna e feliz presença junto a Cristo, que é, conforme Lc 13,37 e 22,27, “o Senhor que serve” (o único que serve de verdade). Cristo ama efusivamente a gente que ele confia à nossa responsabilidade. Não podemos decepcionar a esperança em nós depositada.

A visão da vigilância *como responsabilidade* mostra bem que a religião do evangelho não é ópio do povo, como Marx a chamou. A fé, vista na perspectiva do evangelho de hoje, implica até a conscientização política, quando, na solicitude pelo bem dos irmãos, se descobre que bem administrar a casa não é passar de vez em quando uma cera ou um verniz nos móveis, mas também, e sobretudo, mexer com as estruturas tomadas pelos cupins...

Tal vigilância escatológica não é uma atitude fácil. Exige que a gente enxergue mais longe que o nariz. É bem mais fácil viver despreocupado, aproveitar o momento... Pois, afinal, “quem sabe quando o patrão vai voltar?” (cf. Lc 12,45).

3. II leitura: Hb 11,1-2.8-19

Para sustentar a atitude de ativa vigilância e solicitude pela causa do Senhor, precisamos de muita fé. Nesse sentido, a segunda leitura vem sustentar a mensagem do evangelho. Traz a bela apologia da fé de Hb 11: *A fé é a esperança daquilo que não se vê*. A fé é como que possuir antecipadamente aquilo que se espera; é uma intuição daquilo que não se vê (11,1).

Hb 11-12 é dedicado ao tema da fé. A fé olha para o futuro, como Abraão, como os israelitas no tempo do êxodo, como o discípulo que espera a vinda do Senhor; é esperança. Não deixa a pessoa instalar-se no presente. Este mundo não é o termo do caminho do ser humano. Deus preparou-lhe uma pátria melhor. O cristão é um estrangeiro neste mundo. Decerto leva este mundo a sério, mas isso se exprime exatamente no fato de ficar livre diante dele (o que não exclui o compromisso com os filhos de Deus neste mundo!).

Quando concebida como esperança vigilante, percebe-se o teor escatológico da fé. Ela não



é, em primeira instância, a adesão da razão a verdades inacessíveis, mas o engajamento da existência no que não é visível nem palpável, porém tão real que pode absorver o mais profundo de nosso ser. Hebreus cita toda uma lista de exemplos dessa fé, pessoas que se empenharam por aquilo que não se enxergava. O caso mais marcante é a obediência de Abraão e sua fé na promessa de Deus (11,8-19; cf. Gn 15,6). O texto continua: muitos deram a vida por essa fé, que fez Israel peregrinar qual estrangeiro neste mundo (11,35b-38). Mas o grande exemplo fica reservado para o próximo domingo: Jesus mesmo.

Se se procura uma leitura mais afinada com a primeira e o evangelho, pode-se considerar Ef 6,13-18, sobre “a armadura da fé”.

III. Pistas para reflexão

Viver para aquilo que é definitivo: o fim para o qual vivemos reflete-se em cada uma de nossas ações. A cada momento pode chegar o fim de nossa vida. Que esse fim seja aquilo que vigilantes esperamos, como os hebreus vigiaram na noite da libertação, preparados para sair da escravidão; então não será uma noite de morte e condenação, como foi para o empregado malandro, surpreendido pela volta inesperada de seu patrão.

Preparemo-nos para o definitivo de nossa vida, aquilo que permanece, mesmo depois da morte. Essa é uma mensagem difícil para o nosso tempo de imediatismo. Muitos nem querem pensar no que vem depois; contudo, a perspectiva do fim é inevitável. Já outros veem o sentido da vida na construção de um mundo novo, ainda que não seja para si mesmos, mas para seus filhos ou para as gerações futuras. Assim como os antigos judeus depositavam sua esperança de sobrevivência nos filhos, essas pessoas a depositam na sociedade do futuro. É nobre. Mas será suficiente?

Jesus abre uma perspectiva mais abrangente: um “tesouro” no céu, uma vida guardada junto a Deus. Até lá não chega a desintegra-

Encontro com Cristo Vencer medos, viver de esperança

Bruno Carneiro Lira



144 págs.

A presente obra se destina a todos os cristãos que desejam aprofundar sua espiritualidade na imitação da pessoa de Jesus Cristo. Ele, o nosso verdadeiro amor, é também fonte de esperança diante de tantos medos que se observam na contemporaneidade. O livro nos convida a fazer um retiro espiritual no conhecimento de Jesus Cristo, para que nossa vida se assemelhe à dele e possamos testemunhá-lo com palavras e atitudes. Em cada capítulo é apresentada uma faceta da vida do Senhor, sempre em relação com a nossa, ajudando, desse modo, leitores e leitoras a se engajar na construção de um mundo digno, fonte de amor e esperança.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ção a que diariamente assistimos. Mas será que olhar para o céu não desvia nosso olhar da terra? Não leva à negação da realidade histórica, desta terra, da nova sociedade que construímos? Ou será, pelo contrário, uma valorização de tudo isso? Com efeito, mostrando como são provisórias a vida e a história, Jesus nos ensina a usá-las bem, para produzir o que ultrapassa a vida e a história: o amor, que nos torna semelhantes a Deus. Esse é o tesouro do céu, mas ele precisa ser granjeado aqui na terra.

Tal visão cristã acompanha os que se empenham na construção de um mundo novo, solidário e igualitário, a fim de suplantarem a atual sociedade, baseada no lucro individual. Contudo, não basta simplesmente manter-se nesse nível material, por mais que ele dê realismo ao empenho do amor e da justiça. A visão cristã acredita que a solidariedade exercida aqui e agora, na história, é confirmada para além dela. Ultrapassa nosso alcance humano. É a causa de Deus mesmo, confirmada por quem nos chamou à vida e nos faz existir. À utopia histórica, a visão cristã acrescenta a fé, “prova de realidades que não se veem”. A fé, baseada na realidade definitiva que se revelou na ressurreição de Cristo, dá-nos a firmeza necessária para abandonar tudo em prol da realização última – a razão de nosso existir.

20º Domingo da Tempo Comum

14 de agosto

Opção por ou contra Cristo

I. Introdução geral

Muitos bons cristãos e pessoas empenhadas na pastoral andam com certo desespero porque a Igreja – também aqui no Brasil – per-

de, pelos menos em porcentagem, seus adeptos, e os que ainda participam das celebrações têm as cabeças muito embranquecidas...

Contudo, o mais importante não é ter muitas pessoas na igreja, e sim que essas pessoas façam a opção por Jesus de Nazaré e pelos traços de Deus que se manifestam nele. E não se pode excluir que, entre os que não “vão à igreja”, como se diz, também haja pessoas que, na prática, optam por Cristo.

O evangelho fala da divisão que Jesus veio trazer ao mundo: a favor dele ou contra ele. Não uma divisão que se identifique com a divisão entre pessoas religiosas e pessoas não religiosas, ou entre uma religião e outra. Mas uma divisão que penetra nas famílias e, quem sabe, no próprio coração da gente.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. Primeira leitura: Jr 38,4-6.8-10

A contradição de que Jesus é sinal, segundo o evangelho, prefigura-se na vida daquele, entre os profetas, que mais faz pensar em Jesus: Jeremias. A missão de Jeremias era muito ingrata. Estamos em 587 a.C. Dez anos antes, em 597 a.C., o rei da Babilônia, Nabucodonosor, já havia mostrado seu poder em Jerusalém e substituído o rei Joaquim (Jeconias) por Sedecias, com a intenção de que este lhe fosse submisso. Porém, por alguma ilusão de grandeza nacional ou por causa de seus amigos políticos, Sedecias preferiu optar pelos egípcios. Agora, Jeremias enxergava, com lucidez profética, que a política do rei Sedecias, querendo aliar-se aos egípcios, já em fase de declínio, era uma opção errada. O rei e a elite de Jerusalém se achavam inexpugnáveis. Nas palavras do profeta Ezequiel, eles consideravam Jerusalém uma panela e eles a carne dentro. Ilusão: Nabucodonosor iria fritar a panela com a carne dentro, até a panela derreter (Ez 11,3; 24,3-5.10-11)!



Jeremias, na sua honestidade de porta-voz de Deus, com aquela voz que lhe queimava dentro (Jr 20,9), não podia deixar de denunciar a farsa do orgulho da elite de Judá, sob pena de ser tratado como um traidor da glória nacional. Por isso, foi perseguido e jogado numa cisterna vazia com o fundo cheio de lodo (Jr 38,4-6), até que um funcionário negro, o eunuco etíope Ebed-Melec, conseguiu a transferência dele para o quartel da guarda (34,7-13).

Esse episódio foi escolhido para a primeira leitura de hoje porque prefigura em muitos pontos a sorte de Jesus, “sinal de contradição” (cf. Lc 2,34-35).

2. Evangelho: Lc 12,49-53

O evangelista Lucas elabora longamente a subida de Jesus, da Galileia a Jerusalém, para a Páscoa final (Lc 9,51-19,27). No percurso dessa “viagem”, Lucas insere diálogos e declarações de Jesus, muitas das quais se encontram também no Evangelho de Mateus, embora talvez em outro contexto. Trata-se de palavras de Jesus tomadas da “Quelle”, a coleção de ditos com que Mateus e Lucas enriqueceram, cada um a seu jeito, o primitivo Evangelho de Marcos. Com esses ditos, Lucas transforma o relato da viagem num ensinamento rico e, muitas vezes, radical. O de hoje, que se encontra também em Mt 10,34-36, é certamente radical. Lucas o insere logo depois de uma exortação à prontidão permanente em vista da volta do Senhor para pedir contas de nossa fidelidade e prática (Lc 10,35-48). Assim, essa perspectiva final marca as nossas opções do dia a dia. E essas opções podem opor-nos, na prática, às pessoas com as quais convivemos, nas nossas sinagogas ou igrejas e até nas nossas casas e famílias: “pai contra filho e filho contra pai, mãe contra filha e filha contra mãe, sogra contra nora e nora contra sogra” – como já dizia o profeta Miqueias (Mq 7,3). Aliás, o fato de Jesus citar um profeta acrescenta uma dimensão especial: o cumprimento das Escrituras. Aquilo de que falavam os profetas alcança sua plenitude agora.

A palavra de Jesus supõe que o tomem pelo Messias (em 9,18-20 Simão já havia declarado essa opinião). Mas não é um Messias como eles imaginam, alguém que produza pacificamente e quase que por milagre a paz. Que a “paz” fosse o grande presente do Messias era a expectativa corriqueira, e isso no sentido mais amplo que se possa imaginar, pois na língua de Jesus paz significa a plenitude, a satisfação de tudo o que o ser humano possa desejar honestamente diante de Deus. O problema é que a paz messiânica é fruto da justiça (Is 32,17), supõe o agir justo dos “filhos da paz”. E é isso, exatamente, que vai dividir as pessoas, de modo que o Messias, de fato, traz uma divisão. E o critério dessa divisão é Jesus mesmo. O que combina com seu caminho, com seu modo de agir, garante o beneplácito de Deus; o contrário, não. É bom lembrar o que já anunciou João Batista: o “mais forte” que viria depois dele batizaria com o Espírito Santo e com fogo (Lc 3,16). Pois bem, o fogo chegou (Lc 12,49).

3. Segunda leitura: Hb 12,1-4

Apesar de escolhida sem relação intencional com o evangelho e a primeira leitura, mas em função da *lectio continua* da carta aos Hebreus, a segunda leitura reforça a mensagem principal da liturgia de hoje: a fidelidade a Deus e a firmeza no testemunho. Esse é, de fato, o conteúdo dos maravilhosos capítulos 11 e 12 da carta. O texto de hoje evoca a imagem do cristão como estando no estádio de esportes rodeado de testemunhas – em grego: mártires! – e com os olhos fixos em Jesus Cristo. Jesus é chamado “aquele que conduz” (*archegós*) e “completa” (*teleiôtés*) a nossa fé, linguagem militar, correspondente ao estilo retórico daquele tempo, mas suficientemente clara para entregar o recado: do início até o fim, podemos seguir confiantemente Jesus em nossa *performance* no estádio da vida, completar nosso percurso, combater o bom combate, enfrentando



as maiores dificuldades, como ele mesmo enfrentou a cruz (Hb 12,2). Diante disso, nada de desânimo! Mensagem oportuna para o momento em que vivemos.

III. Pistas para reflexão

Ser cristão não é um projeto pacífico: Jeremias era considerado traidor da pátria só porque sua honestidade em nome de Deus denunciava o nacionalismo estúpido (e corrupto, pois vendido aos egípcios) de Sedecias e sua turma.

Em nome de uma cristandade caduca, ouve-se até hoje: “Esse homem não é cristão; é um herege, um revolucionário, um comunista!”. Será que um cristão não pode pensar diferente daqueles que estão no poder? Ser revolucionário? Será que cristão é sinônimo de “comportadinho”?

No evangelho, Jesus diz que não veio trazer a paz, e sim a divisão; veio lançar fogo sobre a terra! A primeira leitura nos mostra o profeta Jeremias como sinal de contradição, prefiguração do Cristo. Tudo isso é muito diferente do cristianismo bem-comportado que nos foi ensinado.

Jesus exige opção. Não é possível ficar em cima do muro. Um exemplo: a filha de um industrial quer dedicar-se aos pobres, mas não de modo assistencialista, distribuindo esmolas, pois isso seria como encher um balde furado; o que ela colocaria dentro desse balde seria tirado pelo sistema econômico sustentado por seu pai (pela inflação, pelo arrocho salarial etc.). Portanto, ela decide lutar contra esse sistema. Entra em choque com o próprio pai, por mais que goste dele.

Um operário tem quatro filhos para sustentar. São inteligentes. Poderia encaminhá-los para o colégio militar. Mas ele é militante do sindicato. Seus filhos só serão aceitos se ele desistir do engajamento sindical. Conflito. Tem de escolher entre estudo de graça

para os filhos ou fidelidade ao sindicato e à causa dos operários.

Zé é artista. Vive num mundo onde a imaginação e os costumes andam soltos. Mas ele quer ser homem realmente dedicado à família e também à arte, como expressão da realidade da vida e de seus melhores valores. Vai conhecer o conflito.

E o papa Francisco? Está sendo aceito pacificamente?

Optar pelo Evangelho, a boa-nova do “projeto de Deus” que vem beneficiar os pobres, não é coisa pacífica. Seria simples se Deus destinasse uns para ser pobres e trabalhar e outros para ser ricos, usufruir e dar esmolas. Mas Deus não faz assim. Quem faz os pobres e os ricos somos nós mesmos. Mas, então, temos também a responsabilidade de desfazer essas desigualdades gritantes que criamos em nosso mundo. Fazer que não haja pobres nem ricos, mas somente irmãos dispostos à solidariedade.

Essa é a responsabilidade que Deus nos confia. É uma opção diferente daquela que a sociedade nos propõe. É a opção de Deus. E custa muita luta.

Assunção de Nossa Senhora

21 de agosto

A Mãe gloriosa e a grandeza dos humildes

I. Introdução geral

Em 1950, o papa Pio XII proclamou o dogma da Assunção de Nossa Senhora ao céu. Um dogma é um marco referencial de nossa fé, do qual ela não pode retroceder e sem o qual ela não é completa. Proclamamos que Maria, no fim de sua vida, foi acolhida por Deus no céu “com



corpo e alma”, ou seja, coroada, plena e definitivamente, com a glória que Deus preparou para os seus santos. Assim como ela foi a primeira a servir Cristo na fé, é a primeira a participar na plenitude de sua glória, a “perfeitissimamente redimida”. Maria foi acolhida, completamente, de corpo e alma, no céu, porque ela acolheu o céu nela – inseparavelmente.

A presente festa é uma grande felicitação de Maria por parte dos fiéis, que nela veem, a um só tempo, a glória da Igreja e a prefiguração da própria glorificação. A festa tem uma dimensão de *solidariedade* dos fiéis com aquela que é a primeira a crer em Cristo e por isso, também, é a mãe de todos os fiéis. Daí a facilidade com que se aplica a Maria o texto do Apocalipse, na primeira leitura, originariamente uma descrição do povo de Deus, que deu à luz o Salvador e depois se refugiou no deserto. Na segunda leitura, a assunção de Maria ao céu é considerada antecipação da ressurreição dos fiéis, que serão ressuscitados em Cristo. Observe-se, portanto, que a glória de Maria não a separa de nós, mas a torna unida a nós mais intimamente.

Merece consideração, sobretudo, o texto do evangelho, o *Magnificat*, que hoje ganha nova atualidade, por traduzir a pedagogia divina: *Deus recorre aos humildes para realizar suas grandes obras*. Esse pensamento pode ser o fio condutor da celebração. Na homilia, convém que se repita e se faça entrar no ouvido e no coração esse pensamento ou uma frase do *Magnificat* que o exprima.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Ap 11,19a; 12,1.3-6a.10ab

O sinal da Mulher, no Apocalipse, aplica-se em primeiro lugar ao povo de Deus do qual nasce o Messias: à Igreja do Novo Testamento, nascida dos que seguem o Messias. Aparece no céu

a Mulher que gera o Messias; as doze estrelas indicam quem ela é: o povo das doze tribos, Israel – não só o Israel antigo, do qual nasce Jesus, mas também o novo Israel, a Igreja, que, no século I d.C., quando o livro foi escrito, precisava esconder-se da perseguição, até que, no fim glorioso, o Cristo se possa revelar em plenitude. Ao ouvir esse texto, a liturgia pensa em Maria. Maria assunta ao céu sintetiza em si, por assim dizer, todas as qualidades desse povo prenhe de Deus, aguardando a revelação de sua glória.

2. II leitura: 1Cor 15,20-27a

No quadro da glória celestial, a segunda leitura evoca a visão da vitória de Cristo sobre a morte (presente também na liturgia da festa de Cristo Rei no ano A). O sinal da vitória definitiva de Cristo é a ressurreição, seu triunfo sobre a morte. Essa vitória se realizou na sua própria morte e se realizará também na morte dos que o seguem. Maria já está associada a Jesus nessa vitória definitiva; nela, a humanidade redimida reconhece sua meta.

3. Evangelho: Lc 1,39-56

O evangelho de hoje é o *Magnificat*. O quadro narrativo é significativo: Maria vai ajudar sua parenta Isabel, grávida, no sexto mês. Ao dar as boas-vindas à prima, Isabel interpreta a admiração dos fiéis diante daquilo que Deus operou em Maria. Esta responde, revelando sua percepção do mistério do agir divino: um agir de pura graça, que não se baseia em poder humano; pelo contrário, envergonha esse poder, ao elevar e engrandecer o pequeno e humilhado, porém dedicado ao serviço de sua vontade amorosa. O amor de Deus se realiza por meio não da força, mas da humilde dedicação e doação. E nisso manifesta sua grandeza e glória.

O *Magnificat*, hoje, ganha nova atualidade, por traduzir a pedagogia divina: Deus recorre aos humildes para realizar suas grandes obras.



Ele escolhe o lado de quem, aos olhos do mundo, é insignificante. Podemos ler no *Magnificat* a expressão da consciência de pessoas “humildes” no sentido bíblico: rebaixadas, humilhadas, oprimidas. A “humildade” não é vista como virtude aplaudida, mas como baixo estado social mesmo, como a “humilhação” de Maria, que nem tinha o *status* de casada, e de toda a comunidade de humildes, o “pequeno rebanho” tão característico do Evangelho de Lucas (cf. 12,32, texto peculiar de Lc). Na maravilha acontecida a Maria, a comunidade dos humildes vê claramente que Deus não obra por meio dos poderosos. É a antecipação da realidade escatológica, na qual será grande quem confiou em Deus e se tornou seu servo (sua serva), não quem quis ser grande pelas próprias forças, pisando os outros. Assim, realiza-se tudo o que Deus deixou entrever desde o tempo dos patriarcas (as promessas).

A glorificação de Maria no céu é a realização dessa perspectiva final e definitiva. Em Maria são coroadas a fé e a disponibilidade de quem se torna servo da justiça e da bondade de Deus; impotente aos olhos do mundo, mas grande na obra que Deus realiza. É a Igreja dos pobres de Deus que hoje é coroada.

A celebração litúrgica deverá, portanto, suscitar nos fiéis dois sentimentos dificilmente conjugáveis: o triunfo e a humildade. O único meio para unir esses dois momentos é pôr tudo nas mãos de Deus, ou seja, esvaziar-se de toda glória pessoal, na fé em que Deus já começou a realizar a plenitude das promessas.

Em Maria vislumbramos a combinação ideal da glória e da humildade: ela *deixou Deus ser grande* na sua vida.

III. Pistas para reflexão

A Mãe gloriosa e a grandeza dos pobres: o *Magnificat* de Maria é o resumo da obra de Deus com ela e em torno dela. Humilde serva – faltava-lhe o *status* de mulher casada –, foi

“exaltada” por Deus para ser mãe do Salvador e participar de sua glória, pois o amor verdadeiro une para sempre. Sua grandeza não vem do valor que a sociedade lhe confere, mas da maravilha que Deus nela opera. Aconteceu um *diálogo de amor entre Deus e a moça de Nazaré*: ao convite de Deus, responde o “sim” de Maria; e à doação dela na maternidade e no seguimento de Jesus, responde o grande “sim” de Deus, com a glorificação de sua serva. Em Maria, Deus tem espaço para operar maravilhas. Em compensação, os que estão cheios de si mesmos não o deixam agir e, por isso, são despedidos de mãos vazias, pelo menos no que diz respeito às coisas de Deus. O filho de Maria coloca na sombra os poderosos deste mundo, pois, enquanto estes oprimem, ele salva de verdade.

Essa maravilha só é possível porque Maria não está cheia de si mesma, como os que confiam no seu dinheiro e *status*, mas “cheia de graça”. Ela é serva, está a serviço – também de sua prima, grávida como ela – e, por isso, sabe colaborar com as maravilhas de Deus. Sabe doar-se, entregar-se àquilo que é maior que sua própria pessoa. *A grandeza do pobre é que ele se dispõe para ser servo de Deus*, superando todas as servidões humanas. Ora, para que seu serviço seja grandeza, o fiel tem de saber decidir a quem serve: a Deus ou aos que se arrogam injustamente o poder sobre seus semelhantes. Consciente de sua opção, quem é pobre segundo o Espírito de Deus realizará coisas que os ricos e os poderosos, presos na sua autossuficiência, não realizam: a radical doação aos outros, a simplicidade, a generosidade sem cálculo, a solidariedade, a criação de um homem novo para um mundo novo, um mundo de Deus.

A vida de Maria, a “serva”, assemelha-se à do “servo”, Jesus, “exaltado” por Deus por causa de sua fidelidade até a morte (cf. Fl 2,6-11). De fato, o amor torna as pessoas semelhantes entre si. Também na glória. Em Maria realiza-se, desde o fim de sua vida na terra, o que Paulo descreve na segunda leitura: a entrada dos que per-



tencem a Cristo na vida gloriosa concedida pelo Pai, uma vez que o Filho venceu a morte.

Congratulando Maria, congratulamo-nos a nós mesmos, a Igreja. Pois, mãe de Cristo e mãe da fé, Maria é também mãe da Igreja. Na “mulher vestida de sol” (primeira leitura) confundem-se os traços de Maria com os da Igreja. Sua glorificação são as primícias da glória de seus filhos na fé.

No momento histórico que vivemos, a contemplação da “serva gloriosa” pode trazer uma luz preciosa. Quem seria a “humilde serva” no século XXI, século da publicidade e do sensacionalismo? Sua história é serviço humilde e glória escondida em Deus. Não se assemelha a isso a Igreja dos pobres? A exaltação de Maria é sinal de esperança para os pobres. Sua história também joga luz sobre o papel da mulher, especialmente da mulher pobre, “duplamente oprimida”. Maria é “a mãe da libertação”.

22º Domingo do Tempo Comum

28 de agosto

Modéstia e gratuidade

I. Introdução geral

As leituras de hoje insistem em virtudes fora de moda: mansidão e humildade (primeira leitura), modéstia e gratuidade (evangelho). Quanto à modéstia, Jesus usa um argumento da sabedoria popular, do bom senso: se alguém for sentar no primeiro lugar num banquete e um convidado mais digno chegar depois, o que escolheu o primeiro lugar terá de cedê-lo ao outro e contentar-se com qualquer lugarzinho que sobrar. Mas quem se coloca no último lugar só pode ser convidado para subir e ocupar um lugar mais próximo do anfitrião.

Como lema para o povo celebrante recordar, se for de classe humilde, pode servir a

Gestão eficaz Sugestões para a renovação paroquial

José Carlos Pereira



Uma gestão eficaz se faz com alguns procedimentos essenciais para todo gestor, de qualquer setor, como planejamento, trabalho em equipe, visão de conjunto da realidade, perspectivas e metas. Porém, quando se trata de gestão de paróquia, é preciso ter algumas ferramentas específicas, que vão além das comuns. A proposta deste livro é planejar uma gestão paroquial eficaz para tornar a paróquia mais empreendedora, com atitudes mais ousadas e atualizadas; atitudes de pessoas consagradas ou leigas, conscientes de sua participação e missão na Igreja.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



frase da primeira leitura: “O poder de Deus é exaltado pelos humildes”; ou, se o público for de classe média calculista, a frase do evangelho: “Convida os pobres, porque não têm como te retribuir”.

II. Comentários de textos bíblicos

1. I leitura: Eclo 3,19-21.30-31

A verdadeira modéstia de vida, tema da primeira leitura, não é a falsa modéstia de quem se gaba de ser humilde ou “se faz de burro para comer milho”. Consiste na consciência de que só Deus é poderoso e bom. O ser humano deve sempre recorrer a ele. Daí a atitude do sábio: segurança ante os poderosos, pois sua confiança está em Deus, e magnanimidade para com os fracos, pois pode contar com Deus.

2. Evangelho: Lc 14,1.7-14

O evangelho nos ensina a modéstia e a gratuidade na perspectiva do Reino de Deus. Lucas gosta de apresentar Jesus como viajante e hóspede: a comunhão de mesa é o lugar da amizade, e Jesus quer ser amigo. Mas amigo de verdade não esconde a verdade. Na casa de um fariseu, de modo surpreendente e, segundo os nossos critérios, um tanto indelicado, Jesus ensina algumas regras: 1) aos convidados, ensina a não procurar o primeiro lugar, para que o dono da casa possa apontar o lugar mais importante; 2) ao anfitrião, ensina a não convidar as pessoas de bem, mas os que não podem retribuir, pois só assim demonstramos gratuidade e magnanimidade. Em outros termos, Jesus ensina a saber receber de graça e a saber dar sem intenções calculistas. O sentido profundo dessa lição se revelará na Última Ceia (22,24-27), em que o anfitrião é o Servo, que dá até a própria vida.

Jesus é um desses hóspedes que não fi-

cam reféns de seus anfitriões. Já o mostrou a Marta (cf. Lc 10,38-42, 16º domingo); mostrá-lo também no evangelho de hoje. Olhemos o contexto da perícopa. O anfitrião é um chefe dos fariseus. A casa está cheia de seus correligionários, não muito bem-intencionados (14,2). Para começar, Jesus aborda o litigioso assunto do repouso sabático, defendendo uma opinião bastante liberal (14,3-6).

Depois (em 14,7, onde começa o texto de hoje) critica, com uma parábola, a atitude dos fariseus, que prezam ser publicamente honrados por sua virtude, também nos banquetes, onde gostam de ocupar os primeiros lugares (cf. Lc 11,43). Alguém que ocupa logo o primeiro lugar num banquete já não pode ser convidado pelo anfitrião para subir a um lugar melhor; só pode ser rebaixado se aparecer alguma pessoa mais importante. É melhor ocupar o último lugar, para poder receber o convite de subir mais. Alguém pode achar que isso é esperteza. Mas o que Jesus quer dizer é que, no Reino de Deus, a gente deve adotar uma posição de receptividade, não de autossuficiência.

Segue-se outra lição, também relacionada ao banquete, porém dirigida ao anfitrião (um fariseu: cf. 14,1). Não se devem convidar os que podem convidar de volta, mas os que não têm condições para isso. Só assim nos mostraremos verdadeiros filhos do Pai, que nos deu tudo de graça. É claro que tal gratuidade pressupõe a atitude recomendada na parábola anterior: o saber receber.

Portanto, a mensagem do evangelho de hoje é: saber receber de graça (humildade) e saber dar de graça (gratuidade). Isso ficou ilustrado na primeira leitura, que sublinha a necessidade da humildade, oposta à autossuficiência.

3. II leitura: Hb 12,18-19.22-24a

Deus se tornou manifesto e acessível em Cristo. A manifestação de Deus no Antigo Testamento (no Sinai) era inacessível (12,18-21). No Novo Testamento, verifica-se o contrário (12,22-24): agora vigora uma ordem melhor (9,10); a



manifestação de Deus (em Cristo) é agora acessível, menos “terrível”, porém mais comprometida. Não é por ser mais humana que ela seria menos divina. Pelo contrário! No homem Jesus, Deus se torna presente. Essa nova e escatológica presença de Deus em Cristo é chamada, no texto, “monte Sião”, “cidade do Deus vivo”, “Jerusalém celeste”. E quem quiser ler alguns versículos além da perícopes de hoje encontrará a conclusão prática: não recusar a palavra do Cristo (12,25).

A segunda leitura não demonstra muito parentesco temático com a primeira e o evangelho. Contudo, complementa o tema da gratuidade, mostrando como Deus se tornou, gratuitamente, acessível a nós, em Jesus Cristo. O tom da leitura é de gratidão por esse mistério.

(Desejando uma leitura das cartas que se aproxime da primeira leitura e do evangelho, pode-se olhar para 1Pd 5,5b-7.10-11, sobre humildade e grandeza.)

III. Pistas para reflexão

Simplicidade e gratuidade: graça, gratidão e gratuidade são os três momentos do mistério da benevolência que nos une com Deus. Recebemos sua “graça”, sua amizade, seu benquerer. Por isso nos mostramos agradecidos, conservando seu dom em íntima alegria, que abre nosso coração. E desse coração aberto mana generosa gratuidade, consciente de que “há mais felicidade em dar do que em receber” (cf. At 20,35). Isso não significa que a gente não pode se alegrar com aquilo que recebe. Significa que só atingirá a verdadeira felicidade quem souber dar gratuitamente. Quem só procura receber será um eterno frustrado.

A humildade não é a prudência do tímido ou do incapaz nem o medo de se expor, que não passa de egoísmo. A verdadeira humildade é a consciência de ser pequeno e ter de receber para poder comunicar. Humildade não é tacanhice, mas o primeiro passo da magni-

Expediente paroquial Guia prático para a formação de secretárias(os) paroquiais

José Carlos Pereira



A secretaria paroquial é o “coração” de uma paróquia. Por isso, ter cuidado com esse espaço e dar formação às pessoas que nele atuam é fundamental para a vida missionária da paróquia. Elaboramos este subsídio exclusivamente para a formação de secretários e secretárias paroquiais, dando ênfase ao tema do atendimento, para que ele se transforme em acolhimento. Atentos à importância do bom atendimento pastoral, padres e secretárias(os) poderão contribuir para uma paróquia em estado permanente de missão.

Ilustrações: marcelo

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





midade. Quem é humilde não tem medo de ser generoso, pois é capaz de receber. Gostará de repartir, porque sabe receber; e de receber, para poder repartir. Repartirá, porém, não para chamar a atenção para si, como o orgulhoso que distribui ricos presentes, e sim porque, agradecido, gosta de deixar seus irmãos participar dos dons que recebeu.

Podemos também focalizar o tema de hoje com uma lente sociológica. Torna-se relevante, então, a exortação ao convite gratuito. Jesus manda convidar pessoas bem diferentes das que geralmente são convidadas: em vez de amigos, irmãos, parentes e vizinhos ricos, convidem-se pobres, estropiados, coxos e cegos – ou seja, em vez do círculo costumeiro, os marginalizados. E na parábola seguinte no Evangelho de Lucas, a parábola do grande banquete, o “senhor” convida exatamente essas quatro categorias mencionadas (Lc 14,21).

O amor gratuito é imitação do amor de Deus. A autenticidade do amor gratuito se mede pela pouca importância dos beneficiados: crianças, inimigos, marginalizados, enfermos (cf. também Mt 25,31-46). Jesus não nos proíbe de gostar de parentes e vizinhos; mas imitar realmente o amor gratuito (a *hésed* de Deus), nós só o fazemos na “opção preferencial” pelos que são menos importantes.

A parábola daquele que ocupa o último lugar para ser convidado a subir mais faz pensar em quem “se faz de burro para comer milho”. Contudo, Jesus pensa em algo mais. É por isso que ele acrescenta outra parábola, para nos ensinar a fazer as coisas não por interesse egoísta, mas guiados pela gratuidade. Seremos felizes – diz Jesus – se convidarmos

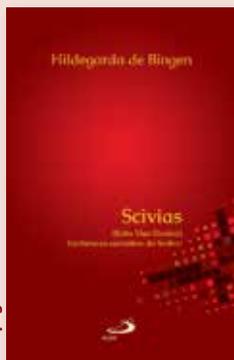
os que não podem retribuir, porque Deus mesmo será, então, nossa recompensa. Estaremos bem com ele por termos feito o bem aos seus filhos mais necessitados.

A gratuidade não é a indiferença do homem frio, que faz as coisas de graça porque não se importa com nada, pois isso é orgulho! Devemos ser gratuitos simplesmente porque os nossos “convidados” são pobres e sua indignidade toca o nosso coração fraterno. O que lhes damos tem importância, tanto para eles como para nós. Tem valor. Recebemo-lo de Deus, com muito prazer. E repartimo-lo, porque o valorizamos. Dar o que não tem valor não é partilha: é liquidação. Mas quando damos de graça aquilo que, com gratidão, recebemos como dom de Deus, estamos repartindo o seu amor.

Tal gratuidade é muito importante na transformação de que a sociedade está necessitando. Não apenas “fazer o bem sem olhar para quem” *individualmente*, mas também *social e coletivamente*: contribuir para as necessidades da comunidade, sem desejar destaque ou reconhecimento especial; trabalhar e lutar por estruturas mais justas, independentemente do proveito pessoal que isso nos vai trazer; praticar a justiça e o humanitarismo anônimos; ocupar-nos com os insignificantes e inúteis.

Concluindo, a lição de hoje tem dois aspectos: para nós mesmos, procurar a modéstia, ser simplesmente o que somos, para que a graça de Deus nos possa inundar e não encontre obstáculo em nosso orgulho. E para os outros, sermos anfitriões generosos, que não esperam compensação e, sem considerações de retorno em dinheiro ou fama, oferecem generosamente suas dádivas a quem precisa. ●

vida pastoral *indica*



776 págs.

Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
Hildegarda de Bingen

Scivias é a obra mais importante de Hildegarda de Bingen. O livro, com relatos de suas 26 visões, elucida a realidade das mulheres medievais.



568 págs.

Thomas Merton
Contemplação no tempo e na história
Sibélius Cefas Pereira

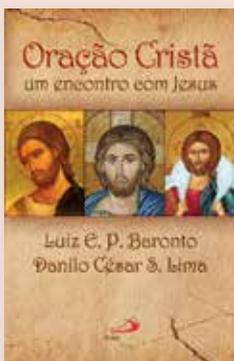
O livro aprofunda o tema da vida contemplativa de Thomas Merton. Merton reinventou um caminho místico de encontro com Deus no tempo e na história, sendo referência de espiritualidade no século XX.



296 págs.

Mística de olhos abertos
Johann Baptist Metz

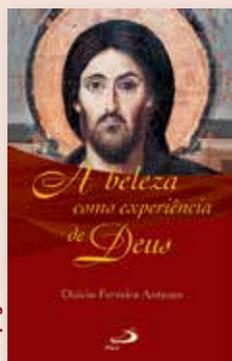
Este livro trata do tema da espiritualidade sob uma perspectiva teológica, dando voz à espiritualidade cristã e penetrando nas discussões sobre Deus, a Igreja, as religiões e o mundo secular.



80 págs.

Oração cristã
Um encontro com Jesus
Luiz E. P. Baronto
e Danilo César S. Lima

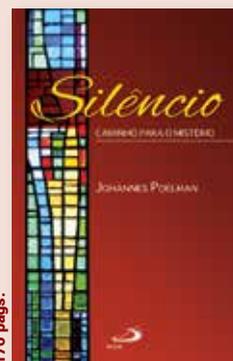
Muito já se falou sobre o tema da oração e de itinerários para se experimentar a vida orante. Este livro apresenta uma nova contribuição para motivar o caminho da oração.



168 págs.

A beleza como experiência de Deus
Otávio Ferreira Antunes

Esta obra mostra que a arte como comunicação das experiências mais profundas do ser é, mais do que mero instrumento secundário, a própria contemplação do mistério.



176 págs.

Silêncio
Caminho para o Mistério
Johannes Poelman

Esta obra é a procura obstinada pela verdade do eu interior. O autor nos desvela suas vivências de medo, quando o peso da verdade ameaça derrubá-lo, e as de felicidade, quando algo sublime, sem cor, se manifesta.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Ecoteologia, esperança da **CASA COMUM**



248 págs.

Ecoteologia: um mosaico **Afonso Murad (org.)**

A ecoteologia é, hoje, uma das grandes esperanças para a recuperação e a preservação da nossa Casa Comum: o planeta Terra. Esta obra reforça a formação de uma nova consciência necessária, sem a qual poderemos conhecer crises ecológico-sociais de graves consequências. Textos de grandes personalidades prometem nos ajudar nesta missão.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br


PAULUS